ILUSTRAÇÃO

N.º 281 — 12.º ano

1-SETEMBRO-1937

PREÇO - 5 escudos

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Todas as creanças são felizes e saudaveis quando tomam a deliciosa

'OVOMALTINE'

diariamente

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. — BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:

ALVES & C.ª (IRMÃOS) — RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem artritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

Á venda em todas as Pharmacias

Produits BÉJEAN - Paris

À venda

AQUILINO RIBEIRO

O GALANTE SÉCULO XVIII

Textos do CAVALEIRO DE OLIVEIRA

1 volume de 324 págs., broc. . . **12$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

MAMÃ!

Conserve-se Nova

Mãis, os vossos filhos e filhas gostam que pareçais novas — os vossos maridos também. Agora, a Ciência sabe que a pele se enruga e envelhece devido únicamente ao desgaste gradual do Biocel. Este é o elemento vital que mantem a pele clara, juvenil e esplendida. Podeis encontrar êste elemento vital e rejuvenescedor e, de novo parecerdes novas, por simples aplicação do novo Creme Tokalon, Côr de Rosa. Por mais estragada que esteja a vossa pele ou por mais profundo que possa ser o sinal dos estigmas da idade, experimentai, esta noite, o Creme Tokalon, Côr de Rosa. São afiançados, em quaisquer casos óptimos resultados, senão ser-vos-á restituído o dinheiro.

A' venda em tôdas as perfumarias e boas casas do ramo. Se o não encontrar escrevei à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa, que vos atenderá na volta do correio.

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.
5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.

6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
9 — 1.ª parte — *América do Sul.* 1 vol.
10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.
11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

Vinte mil léguas submarinas:
12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.
13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.

A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.
15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.
16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:
17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.
18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.
20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.
21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
22 — **As Índias Negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.
24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.
25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.
27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.
28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
29 — **Os quinhentos milhões de Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
30 — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.

A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.
32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A jangada, trad. de Pompeu Garrido.
33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.
34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.
36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.
37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.
38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.
39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.
40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.
41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
42 — **O raio verde,** trad de Mendonça Balsemão. 1 vol.

Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*
44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.
45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.

Matias Sandorff:
47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.
48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.
49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.
50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.
54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.
55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.
57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:
58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.
59 — 2.ª parte — *O padre Johann.* 1 vol.
6 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.

Cesar Cascabel:
61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo.* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.

A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.
64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.
65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.

A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.
68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.
69 — **Clovis Dardentor,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.

A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:
70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.
71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.
72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.
74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.
75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.
76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
80 — **A Aldeia Aéria,** trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.

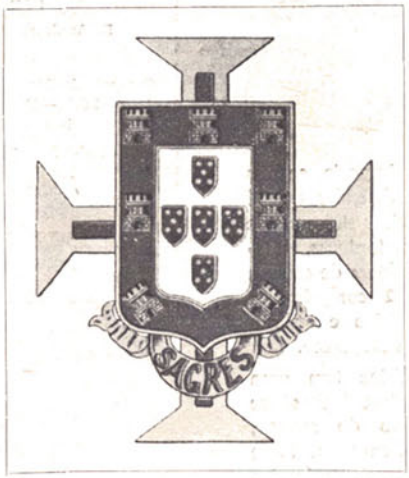
Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1936
Esc. 19.048.594$54

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM
A
SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1936
Esc. 13.915.096$56

Seguros agrícolas, Fogo, Marítimos e Postais, Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM
A
SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

---

COLECÇÃO FAMILIAR **P. B.**

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias
Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um grande sucesso de livraria

À VENDA A 8.ª EDIÇÃO

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**
Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **13$50**

Pedidos aos editores:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Que nos importa, se nos podemos defender dêle?! Aos primeiros sintomas de mal-estar: tonturas, abatimento e dôres de cabeça, toman-se 2 comprimidos de Cafiaspirina e todo o mal-estar desaparece.

A Cafiaspirina tem uma influência favorável sôbre a circulação do sangue, reprime as congestões do mesmo e restitue o bem-estar. Pode ser tomada a qualquer hora, porque é completamente inofensiva para o organismo.

Cafiaspirina

o produto de confiança.

BAYER

Prémio Ricardo Malheiros

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . **12$00** enc. . . **17$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

BAUME BENGUÉ

Apr. D. S. P. em 03 1913 sob o N.º 28

RHEUMATISMO-GOTA NEVRALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodíaco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

À venda

SAMUEL MAIA

ÊSTE MUNDO E O OUTRO

O outro mundo — Arca de Noé — Êste mundo de agora (1930) — Tempo de 1932 — Tempo de 1935 — Tempo de 1936 — Juizo final

1 volume de 298 págs., brochado . **12$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 281 — 12.º ANO
1-SETEMBRO-1937

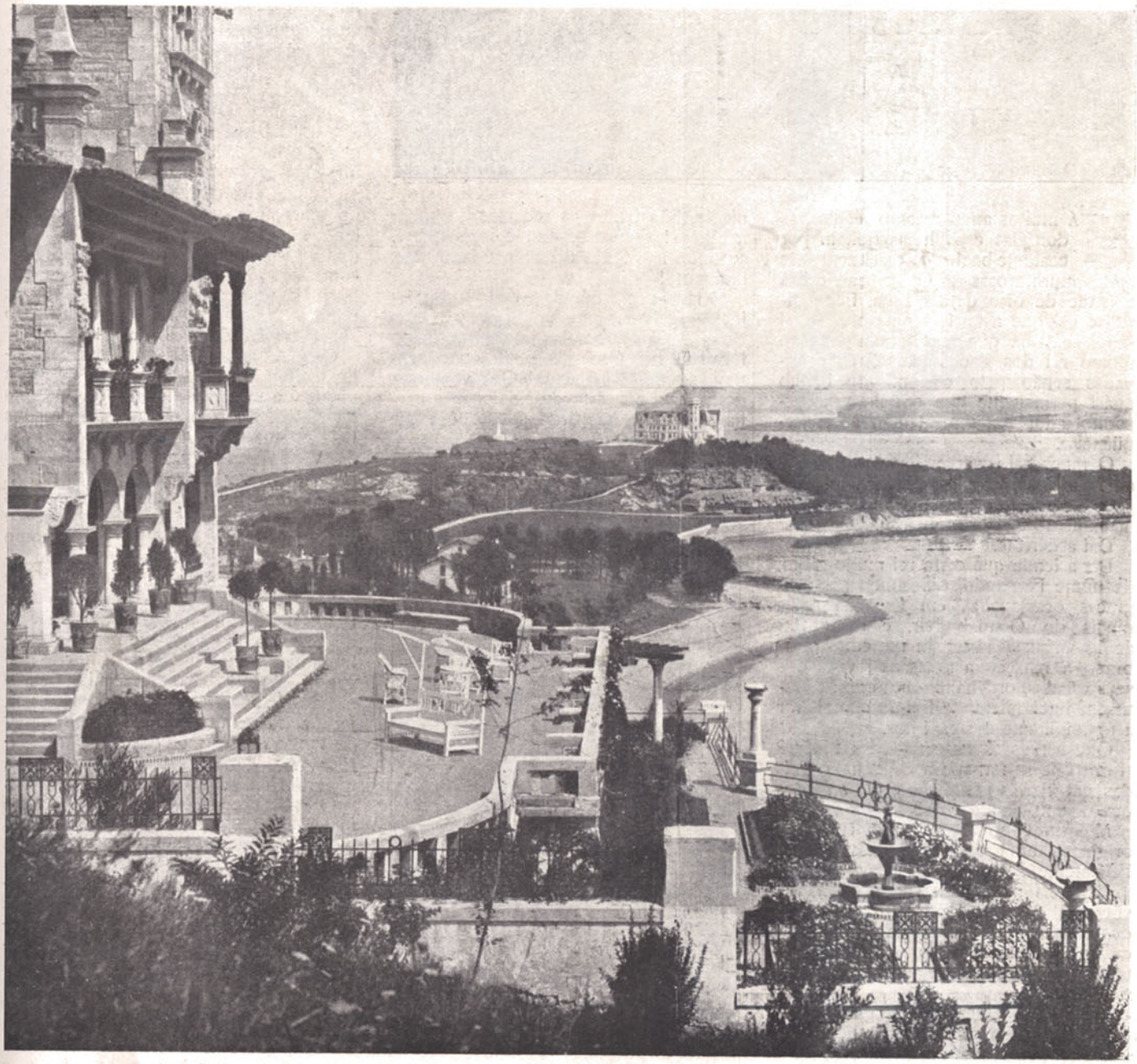
ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

SANTANDER — A MAGNÍFICA



MAIS uma conquista das tropas nacionalistas — a cidade de Santander. A gravura acima apresenta um pitoresco trecho da baía, vendo-se a península da Madalena e o antigo palácio real de tão belas tradições. Esplêndida conquista! Ao cabo de grandes esforços, Santander tornou-se uma das mais belas cidades de Espanha, podendo dizer-se que comparticipa com San Sebastian e Bilbau da supremacia urbana do Norte espanhol. A Natureza, magnìficamente generosa, dotou Santander das mais belas païsagens, das mais surpreendentes perspectivas e das melhores condições climatéricas. Ponderando estas excelências naturais, o espírito empreendedor e progressivo dos santanderinos conseguiram fazer da sua cidade uma urbe moderna e sumptuosa, recreio dos próprios e admiração dos estranhos.

GRAÇA DE

A lenda da mantilha

Há muitos anos, mesmo séculos, as donzelas espanholas tinham por costume banhar-se castamente nas ondas murmurosas do Guadalquivir. Era a idade de oiro da Espanha. Pode dizer-se até que a terrível guerra e a mal ferida batalha que custaram a vida ao último rei dos godos não fôram originadas senão pelo costume do banho quási permanente que o belo sexo espanhol adoptara, sem atender às consequências.

O moço rei surpreendeu, um dia, Lucinda, a *Cava*, tal como sucedera a David com Bethsabé, e sentiu-se de tal modo apaixonado que enlouqueceu.

Daí a derrota.

Diz a lenda que certo rei muito sábio, de nome Fernando, reflectindo nas desgraças ocasionadas em Espanha pelas ninfas do Guadalquivir, e de outras águas visinhas, publicou um édito proïbindo a natação a tôdas as jovens dos seus estados, ordenando-lhes que se vestissem inteiramente, a-fim-de não alterar a tranqüilidade dos espíritos.

Que seria das desventuradas ninfas?

Em que se tornaria a Espanha, o país das galantarias adoráveis e das *miradas* que matam, dando vida?

Maldito édito! Para evitar um mal, originava uma verdadeira calamidade! Felizmente a Providência velava...

Jacinta, filha de um conde sevilhano, era uma das que banhavam as tranças dos cabelos pretos nas ondas do Guadalquivir. O édito do rei privára-a, como a tantas outras, dos usos a que tanto queriam, e, como tôdas as suas irmãs encantadoras, recolhera-se num gabinete de toucador, muito escuro, para desafogar livremente as suas mágoas.

Mas, quando se é moça, formosa e espanhola, em breve o carpir produz enfado. O desejo de agradar é fortíssimo estimulante, que expulsa do fundo de seus retiros, mesmo as mais rebeldes.

Jacinta cessou, pois, de gemer, e pensou. Logo que a mulher aborrecida pensa, é que lhe chegou o têrmo do aborrecimento. São tantos os recursos do génio feminino! O nosso, que é mais nobre, segundo nós todos dizemos, é bem mais indigente!

— Havia sem dúvida — dizia Jacinta — inexauríveis encantos naqueles exercícios de ninfas, à sombra dos jasmins do nosso formoso rio. Que de castas conquistas uma só noite me dava! Que ventura a de ouvir o concêrto de elogios que partia das duas margens! Quão dôce me

era regressar à cidade ao anoitecer acompanhada por serenatas e córos que celebravam a minha beleza!

E, dizendo estas coisas, fazia girar uma lançadeira em um tear, e compunha distraídamente um tecido finissimo com fios de algodão tintos em essência de ébano. Não sabia ao certo o que fazia; mas enfim, é indispensável que cada um se distraia como puder, quando não tem já distracções. Jacinta encetára aquêle trabalho outr'ora antes da publicação do decreto do príncipe contra os exercícios de natação, e fôra uma idéa de garridice a que lhe fizera pegar na lançadeira; porque não há senão êste defeito encantador que seja capaz de vencer a teimosa preguiça de uma mulher de Sevilha, e até de muitas de outros países. A sua idéa era a seguinte: "Como não será encantador ao sair das águas do Guadalquivir, cobrir-me tôda com êste tecido de malhas! E uma surpresa que reservo às minhas companheiras. O marfim e o ébano combinam-se tão bem!

Quando Jacinta concluiu o seu trabalho, soltou um fundo suspiro, como faria diante de um trabalho perdido. No fim da galeria do conde seu pai, havia uma bela estátua antiga, uma irmã mais nova da Vénus de Praxiteles. Jacinta olhou para todos os lados, escutou, procurou, e achando-se só na galeria, só com os quadros e as estátuas de mármore, pegou sorrindo, no seu trabalho, desdobrou-o em tôda a largura, e, subindo a um escabelo, cobriu com a ténue rêde a estátua antiga, fixando-lhe uma das malhas na fronte, na divisão dos aneis dos cabelos, de sorte que o rosto lhe ficava maravilhosamente emoldurado pelas negras pregas, e de todo o corpo oculto denunciando-se apenas pelo rosto do véu, Jacinta desceu do escabelo para apreciar de longe o efeito daquela *toilette* de estátua. A galeria recebia a luz do tecto, uma luz favorável e sempre misteriosa.

O mármore da estátua tinha-se encarnado; sôbre o pedestal resplandecia a vida. Com que graça divina aquela filha de Praxiteles se sorria na sua moldura tecida! Como todos os delicados contornos do corpo se revelavam amorosamente através daquele veu! Jacinta bateu as palmas para se aplaudir a si mesma, e exclamou:

— Ah! como eu ficaria bela assim!

Depois de ter dado suficientes largas à própria admiração, despojou a estátua do véu, que tanto lhe embelezava a nudez radiante, e cobriu-se com êle para assim se admirar em um grande espêlho de Veneza. Então soltou um grito de felicidade que fez estremecer a estátua do pedestal! Jacinta achou-se mais do que adorável; os seus olhos pretos luziram como duas estrêlas sob o manto da deusa da noite; a cutis iluminara-se-lhe de saborosa frescura; o corpo desenhava-se-lhe com graça tal como nunca tivera, nem depois dos exercícios no Guadalquivir.

ESPANHA

mantilha

Á fronte de Jacinta subiu no mesmo instante a febre da garridice. Um dia de demora teria sido um século; porque se há de perder um século quando se é jóvem? Era indispensável deslumbrar Sevilha sem a menor demora, imediatamente. Quando uma espanhola forma um projecto, não há para ela dia seguinte.

Naquela mesma tarde, à hora em que o sol iluminava horisontalmente os rubis das romeiras, e as estrêlas de marfim dos jasmins, pediu Jacinta a sua mãe que a acompanhasse às áleas de acácias, onde o povo e a nobreza passeavam habitualmente. A mãe, que vivia aflita por ver a tristeza de sua filha, desde que aparecera o édito do rei contra as ninfas, alegrou-se, enfim, vendo-a risonha, e aceitou pressurosa o convite do passeio às áleas de acácias.

Jacinta adornou-se, segundo o uso do seu tempo, com enfeites vulgares e modestos. As fábricas de Lyon, de Manchester e Dublin, não existiam ainda. Um vestido simplicíssimo, ou, para melhor dizer, uma túnica de algodão avermelhado, pouco justo na cintura por causa da ausência da cólete moderno, e nada mais. Felizmente Jacinta era tão perfeitamente esculturada pela natureza, que o seu corpo divino sabia corrigir de modo admirável tôdas as imperfeições do vestuário. No momento de saír de casa, desdobrou Jacinta o seu grande véu de pequeninas malhas, e envolveu-se voluptuosamente nêle, como faz o horisonte celeste, no verão, depois de posto o sol.

A mãe encarou a filha, e juntou as mãos como na presença de uma *Madona;* nos olhos transparecia-lhe o êstasi.

— Minha querida filha — exclamou ela — quem te fez tão belo presente?

— Eu, minha mãi — disse Jacinta, volteando-se nos bicos dos pés, como uma dançarina moderna.

— E' obra tua, filha?

— Sim, minha boa mãe, é obra minha.

— Ó filha! que fadigas isso te custaria!

— Um ano de trabalho, minha mãe.

— Um ano! Jesus! tua mãe nunca trabalhou sequer um dia! Vales mais do que eu!

— Não o creia, minha mãe; valho menos, e foi por isso que fiz êste trabalho: um capricho!

— Como te fica bem, minha Jacinta! Não me canso de te admirar! És a adorável assim!

— Acha, minha mãe?

— Donde copiaste tu êsse ornato?

— Inventei-o.

— E que nome dás a isso, filha?

— Ah! minha mãe, o baptismo é depois do nascimento. Não lhe dei nome ainda. Quer ser madrinha dêste filho do meu espírito? Pois então dê-lhe o nome... um nome bem escolhido...

— Não é difícil... Uma vez que os castelhanos usam manta, é justo que as castelhanas usem mantilha.

— É isso! é isso! — disse Jacinta pulando de alegria. — É uma mantilha! Fiz uma mantilha! É um nome encantador! Obrigada, madrinha!

Jacinta abriu a porta, e dando o braço a sua mãe, saiu.

As duas espanholas caminhavam com passo triunfante; a mãe, principalmente, sentia-se altiva como a mãe de Cristóvão Colombo, ou de Fernando Cortez: Jacinta fizera uma descoberta bem mais preciosa do que a América e o México; descobrira a mantilha! Era uma revolução para a Espanha! A mantilha ia enxugar as últimas lágrimas que a batalha do Guadalquivir e a queda do último rei dos godos tinham feito derramar. Jacinta apareceu dentro em pouco nas áleas das acácias, e foi saudada como o sol nascente, sob as colunatas do templo de Quito, pelos adoradores do astro rei.

A mocidade de Sevilha, que andava tôda passeiando com a sua habitual indolência, agitou-se e ondulou por debaixo do arvoredo, como rio encapelado pelo tufão. Felizmente, por aqueles tempos, já a galanteria espanhola impunha sérios deveres aos homens; ninguém se aproximou demasiadamente de Jacinta; A multidão conteve-se em distância, formando respeitoso círculo em volta da mantilha.

A jovem conservou-se assim, senhora de todos os seus movimentos, e aproveitou a situação para dar novo brilho à elegância duma sevilhana; os seus olhos não fitavam coisa alguma, para deixarem aos olhos dos outros liberdade de contemplação. No modo de andar assumiu um caracter de majestade voluptuosa, que nunca fôra revelado por uma túnica de algodão; os seus movimentos, apropriados ao caso, anunciavam já a aurora dêsses passos espanhois, que o som enervante das castanholas deviam fazer surgir em Castela e Aragão para embriaguez dos sentidos e encantos dos olhos.

A mãi triunfava com o bom êxito da mantilha sua afilhada, e não se iludia, presumindo que êsse adôrno, tão graciosamente inventado, devia atraír a sua casa algum rico pretendente à mão de sua filha.

A mantilha de Jacinta tornou-se trajo nacional do belo sexo, e foi origem de inumeráveis himeneus. Casava-se por tôda a parte entusiasticamente, podendo mesmo afirmar-se que a mantilha preencheu, em breve, as falhas produzidas na população pela batalha do Guadalquivir. O país foi repovoado.

Quantos prodígios a alma dum povo pode realizar, quando se baseia nas tradições que sempre possue!

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Pela primeira vez em Portugal se brevetaram pilotos aviadores praças de pré. Na Escola Militar de Aeronautica de Sintra prestaram ha dias as suas últimas provas 14 oficiais e 31 cabos. A nossa gravura representa um grupo dos novos oficiais aviadores. As asas portuguesas fortalecem-se, dia a dia, mostrando ao Mundo que o fôlego prodigioso do arcaboiço que sulcou triunfantemente mares nunca dantes navegados arfa cada vez mais forte, subindo a alturas portentosas. Se fômos os primeiros a atravessar o Atlântico em naus aventurosas, fômos também os primeiros a atravessá-lo por via aérea. — *A' direita:* o sr. ministro do Interior e governador civil de Lisboa durante a missa de sufrágio por alma do tenente coronel João Luís de Moura na igreja de S. Domingos

Um aspecto da assistência ao espectáculo de gala cinematográfico realizado no Casino-Estoril para apresentação em «avant-première» do filme «Maria Papoila». O Chefe do Estado e sua Esposa dignaram-se honrar a festa com a sua presença. O filme «Maria Papoila» é uma eloqüente revelação do progresso constante da indústria cinematográfica portuguesa e mais um indiscutível triunfo do talentoso realizador Leitão de Barros

Os antigos companheiros do glorioso bombeiro Guilherme Gomes Fernandes na sua homenagem ao saudoso comandante junto do monumento no Porto. — *A' direita:* um aspecto do «Dia do Bombeiro», vendo-se estes abnegados heróis rendendo homenagem junto do coval dos seus saudosos mortos

A CATEDRAL DE REIMS

SURGIRÁ, DENTRO DE POUCOS DIAS, COMPLETAMENTE RESTAURADA

A Catedral de Reims em pleno século XIX

Dentro de poucos dias, a formosa catedral de Reims, que tanto sofreu durante a Grande Guerra, surgirá completamente restaurada, graças a generosidade de Mr. John D Rockefeller, filho.

Este acontecimento deve encher de júbilo todos os bons franceses, amigos da sua pátria e devotos fervorosos das tradições mais gloriosas, visto que sob as abobadas dêste majestoso templo fôram coroados mais de trinta soberanos da França.

Como é sabido, durante a Grande Guerra, a catedral de Reims esteve constantemente sob o fogo da artilharia allemã, à semelhança dum forte expressamente construido para deter o avanço do invasor.

Apesar das precauções adoptadas, revestindo a fachada com sacos de areia, muitas das preciosas estátuas que ali se encontravam fôram mutiladas.

Após o armistício, Mr. Rockefeller, a cuja generosa magnificência a França tanto devia já, pensou em restaurar essa maravilha arquitéctónica. E, se bem o pensou, melhor o fez, sem olhar a despezas como, de resto, é uso e custume dêste filantrópico arqui-milionário.

Os trabalhos de restauração começaram em 1919, sendo o tecto, quási completamente destruido, o primeiro a ser reparado. Após esta primeira restauração, passou-se à fachada, à sacristia, aos altares, às torres, etc.

O município de Reims patenteou a sua gratidão ao generoso milionário, dando-lhe o nome das ruas da cidade.

A catedral de Reims, de que os franceses tão justificadamente se orgulham, levou duzentos anos a construir.

Sôbre as ruínas espalhadas pelo terrível incêndio de 6 de Maio de 1210, que devastou a cidade, foi lançada a primeira pedra do actual edifício. Jean d'Orbais forneceu os planos de tôda a igreja, tendo construido a maior parte do côro no que foi acabado trinta anos depois por Jean le Loup que terminou igualmente o o transepto e começou o pórtico setentrional. Seguiu-se Gaucher de Reims que dirigiu a obra durante ôito anos, e a êste, Bernard de Soissons que ez a nave e a rosácea do grande pórtico. Veio, seguidamente Robert de Coucy que morreu em 1311, tendo trabalhado no grande pórtico já muito adiantado pelos seus predecessores. Sucederam-lhe mestre Collard, Gilles, Jean de Dijon, Colard de Givy. As torres da parte ocidental (medindo 81,50) fôram acabadas em 1480, salvo as suas flechas que deveriam dar à catedral uma altura de 120 metros, e que durante anos e anos apenas mostraram os lugares onde deveriam ser colocados os sinos.

Em 24 de Julho de 1841 um pavoroso incêndio destruiu quási completamente o edifício. As reparações dêste sinistro absorveram todos os recursos com que se contava para o acabamento normal da catedral.

Vem a propósito dizer que êste maravilhoso edifício teve outras reparações nos séculos XVII e XVIII e durante a primeira metade do século XIX.

Quando da declaração da Grande Guerra estavam sendo efectuadas reparações importantes em vários pontos, especialmente na nave, tendo sido infelizmente modificado o seu primitivo risco.

Como ficará agora? Terá sido seguido o desenho de Jean d'Orbais que, lutando com as deficiências do século XIII teve de enfrentar os mil e um invejosos que já então havia, tal como hoje?

Eis o que seria interessante.

Hoje, a catedral ocupa uma superfície de 146m,40 de comprimento por 60 de largura.

Não devemos esquecer que foi construida no próprio local onde se elevava a capela onde Clovis fôra coroado pelo bispo Remígio.

Carlos Magno recebeu ali também a sua sagração.

Assim, o majestoso templo ter mantido durante séculos o seu privilégio de coroação de soberanos.

Quando um francês se refere ao impenetrável rigor que os ingleses põem na coroação do seu rei, observando fielmente a tradição, não tem o direito de o achar excessivo. Em 1824 os seus avós fizeram o mesmo na coroação de Carlos X, na catedral de Reims que era a Westminster francesa.

Depois, terminou-se o costume para ficar a tradição. O certo é que, decorrido mais de um século, o povo francês, embora orgulhoso da sua Revolução e do fim que deu à dinastia dos Carpetos, venera cada vez com mais entusiasmo a catedral gloriosa, em cujas abóbadas parece ècoar ainda a voz potente do rei Clovis prestando o seu juramento de soberano.

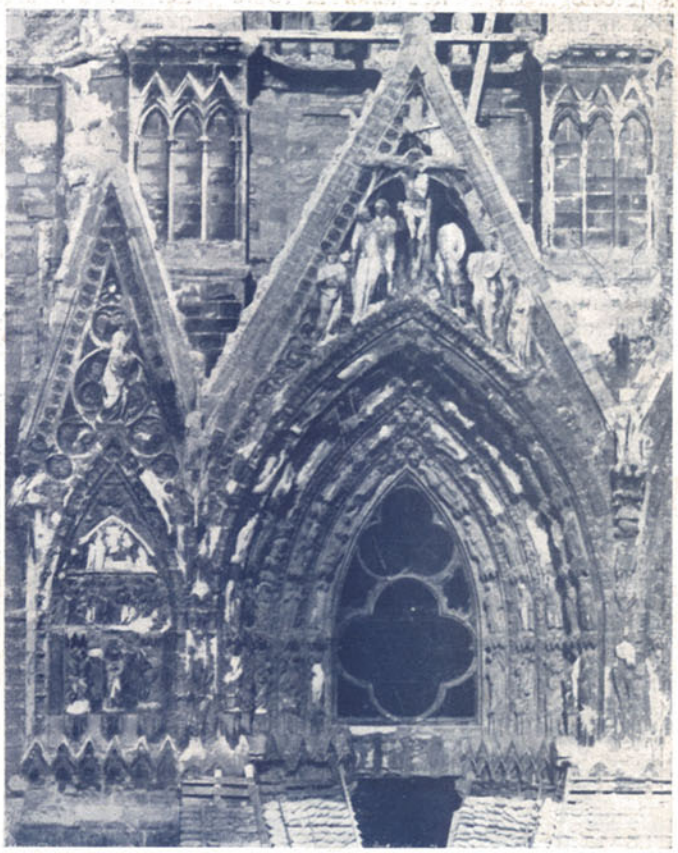
Na hora própria, quando o coração da Pátria sangrava aos terríveis golpes do invasor, a catedral gloriosa, num verdadeiro prodígio, enfrentou o inimigo com a maior firmeza, dando a todos os franceses o mais eloqüente exemplo.

Dir-se-ia que os santos da fachada se transformavam em combatentes e que dos seus nichos faziam trincheiras intransponíveis.

Pois, dentro em poucos dias, a catedral de Reims vai surgir completamente restaurada.

Voltará a guerra a mutilar-lhe a formosíssima fachada? Tudo é possível. No entanto, o majestoso edifício não ruirá, por mais violentos que sejam os ataques que receba. A' semelhança da fenix renascerá sempre das suas próprias cinzas. Sob as abóbadas da catedral de Reims continuarão a soar hinos patrióticos como nos belos tempos do saudoso rei Clovis.

A Catedral de Reims após a Grande Guerra



Pormenor de um dos pórticos da Catedral de Reims

Paulina Bonaparte

NÉVOAS DO PASSADO

O grato Adónis da Vénus Bonaparte

AMAR, amar sempre, intensamente; loucamente, sensualmente, delirar de paixão, hoje nos braços de um, amanhã nos braços de outro, esgotar até à ultima gota a taça de oiro da mocidade, transformar, enfim, a existência num verdadeiro poema anacreôntico, tal foi o lema que tôda a vida seguiu essa ardente flor de volúpia que se chamou Paulina Bonaparte.

Algumas palavras bastam para definir a psicologia da grande amorosa sôbre cuja alabastrina fronte a glória das águias napoleónicas colocou um diadema de princesa.

Paulina Bonaparte, a formosíssima irmã do corso imortal nasceu tarde de mais. Não era em Paris, na sociedade do primeiro quartel do século XIX que ela devia ter vivido, mas em Roma, na antiga Roma dos palácios de mármore, dos templos brancos e dos jardins povoados de estátuas, em que a existência, sôb a égide do manto de púrpura dos Cesares e da túnica de ametista das imperatrizes, decorria numa incessante festa dionisíaca.

No corpo da fascinante princesa Bonaparte incarnára a alma duma dessas belas romanas da decadência, que passavam no Forum em sumptuosas liteiras levadas aos ombros de atléticos escravos bétinios, sorrindo aos seus patrícios adoradores, que assistiam, coroados de rosas e semi-nuas, nas suas túnicas de diafana musselina, aos ágapes imperiais do Palalino, languidamente reclinadas nos leitos dourados junto do amante preferido e que tomavam parte nos báquicos festins organizados por Tigelino do lago Agripa. Também, como elas, comos ensual exaltada que era, a irmã de Napoleão, resumia a sua razão de existir no amor, apenas no amor, exclusivamente no amor, e, por isso mesmo, obedecendo a êsse princípio, a sua vida não foi mais do que um longo e delirante hino a Vénus Afrodita...

Todavia — contraste, ou ironia do destino verdadeiramente surpreendente! — nada no físico dessa mulher de fogo, que dir-se-ia herdeira das paixões de Messalina e de Lucrecia Borgia, revelava a lasciva bacante que havia nela. A História assegura-nos que, tanto numa como noutra, das duas já citadas raínhas da orgia, o corpo era o perfeito espelho de alma, mas, como por um estranho capricho da Natureza, com Paulina sucedera de um modo diametralmente oposto. Nem as formas exuberantes e provocadoras da imperatriz Messalina, nem os afrodisíacos e perversos encantos da duquesa Lucrecia Borgia, a caracterizavam. A jóvem corsa possuia o tipo de beleza, sereno, casto, fino, espiritual, dessas patrícias florentinas, contemporâneas das Médicis, que Sandro Boticceli tão admiravelmente retratou nas figuras de Madona dos seus quadros sacros.

Era êsse género de formosura dum quási imaterial encanto, que a princesa evocava com o seu rosto clássico, duma inexcedivel pureza de traços, a marmória palidez da sua pele, onde as veias se desenhavam azuladas, os seus olhos sombrios replectos duma suave melancolia e duma doçura capaz de enternecer o coração mais duro, os seus níveos dentes semelhantes a uma enfiadura de pérolas, e os seus cabelos negros que o sol parecia azular como faz à plumagem dos corvos.

É assim que Paulina nos aparece, divinamente bela e espiritual, no retrato — obra prima de pintura do museu de Versalhes — em que Lefebvre transmitiu à posteridade a imagem dessa maravilhosa beleza.

Paulina Bonaparte — estátua de Canova

Tôda ela parece respirar uma graça ingénua, tímida, virginal, direi mesmo, um perfume de virtude e de pudor...

Julgar-nos-iamos na presença duma jóvem pura como a neve das montanhas, imaculada como um arminho, casta como uma vestal, um lírio entre os lírios, incapaz de conceber fantasias exaltadas, de ter um desejo menos digno, de se deixar arrastar pela violência das paixões.

Alma de bacante em corpo de virgem de altar, diria um psicólogo. Canova, o célebre escultor italiano, foi o único dos artistas que nos deixou uma obra, imagem fiel da étnica mentalidade da ardente amorosa. Quando a chamaram para executar uma estátua da princesa imperial, isto é, para imortalizar com o sortilégio do seu incomparável cinzel, em que parecia reviver a centêlha de Scopas e de Fídias, os encantos da nova Frineia, condenados a perecerem, um dia, Canova decidiu, não só reproduzir fielmente o físico do modêlo, mas também procurar vincar bem nítida essa mentalidade pagã, a fim de que alguma coisa mais do que o exterior, um pouco de espírito, um reflexo da alma, ficasse materializado no mármore da sua obra.

Já que a princesa era a nova Frineia, porque não havia êle — pensou o grande mestre — de proceder com ela, como Praxisteles, fizera com a cortezã ateniense, isto é, despojá-la dos seus pesados trajos da côrte para que o seu corpo, branco como a neve, rijo como o alabastro, surgisse, na sua triunfante nudez, e ele podesse modelar aquêles ombros admiravelmente lançados, aquêles seios túmidos e firmes, semelhantes a uma taça de harmonias na sua curva airosa, aquêles braços robustos e flexíveis de ninfa helénica e aquela cabeça sublime?

Paulina foi ao encontro dos desejos do escultor, e assim se executou a célebre estátua de *Vénus Vitoriosa* que está na memória de todos os escultores da Arte.

Pena é que Anacreonte já há muito tivesse deixado o mundo pelos Campos Elysios, pois a vida amorosa da Vénus Bonaparte inspirar-lhe-ia um poema de inúmeros cantos...

Contudo, por maior número de homens que passem na existência duma mulher, há sempre um único que marca, que domina, que nunca esquece, que é, numa palavra, o único verdadeiramente amado. Na vida amorosa de Paulina Bonaparte houve também êsse homem fatal: foi o jóvem coronel de hussardos, Júlio de Canouville.

Estava-se no tempo em que a França vivia uma maravilhosa epopeia de glória, em que, como então se dizia, "cada oficial tinha na sua cartucheira um bastão de marechal", e, devido às freqüentes promoções por distinção, que, depois da vitória, eram concedidas, Canouville, apezar do elevado posto que ocupava na *Grande Armée*, ainda não contava trinta anos. O sangue frio admirável, que nunca o abandonava, quer nas recepções do palácio imperial, quer nos campos de batalha, debaixo de fogo inimigo, e a louca e impetuosa bravura com que, à frente do seu regimento, se lançava sôbre os austríacos, os prussianos e os russos, haviam atraído para ela o olhar de águia de Napoleão, que o fizera ascender ràpidamente e lhe reservava um brilhantíssimo futuro. Porém, Canouville não se limitava a distinguir-se unicamente pelas suas magníficas qualidades de cabo de guerra e pelos seus feitos gloriosos. O moço coronel era um *dandy*, árbitro das elegâncias do exército e um espirituosíssimo conviva — rei dos salões de Paris. Tinha, apezar da sua má cabeça, um coração de oiro, e — qualidade essencial para a voluptuosa Paulina — possuia uma dessas másculas, sedutoras e irresistíveis belesas que tantas fogueiras acendem nas imaginações femininas.

Bonito, ardente, zombeteiro, brilhante, Canouville, era o protótipo dêsses *sabreurs*, herois de guerra e de amor, pertencentes ao estado maior do general Berthier, que tinha fama, aliás merecida, de causar devastações entre as damas da côrte imperial. As mulheres rodeavam-no, festejavam-no, disputavam-no, seduzidas pela sua ardente mocidade, pela sua ânsia amorosa e até pela sua brutalidade de hussardo...

— É um homem! — exclamou Paulina entusiasmada, na noite em que o conheceu, no decorrer dum baile de máscaras. Temerário, violento, impetuoso, um verdadeiro filho de Belona! Finalmente encontro um homem!

E, desde êsse instante, a princesa amou-o, não só veementemente, apaixonadamente, sensualmente, mas, como nunca até ali havia amado, com todo o seu coração, com tôda a sua alma, dum afecto em que o espírito e a matéria se conjugavam em unísono.

Foi a mulher, e não a princesa imperial, irmã de Napoleão, que Júlio de Canouville, ao contrário de muitos outros, amou em Paulina. Desejaria antes que ela fôsse bem pobre, bem humilde, bem obscura, para ser êle e dar-lhe tudo, a poder provar-lhe, preferindo-a, mesmo assim, às ilustres damas das Tulherias, o grande e verdadeiro afecto que lhe consagrava.

Durante meses viveram os dois exclusivamente um para o outro, esquecidos de tudo, entregues ao seu ardente sonho de amor...

Nas caçadas, o elegante coronel seguia constantemente a princesa; nos bailes, a êle apenas cabia o direito de conduzir êsse maravilhoso corpo ao ritmo lânguido e suave das inebriantes valsas vienenses; nos passeios de carruagem, pelos arredores de Paris, era êle, ainda êle, o querido e indispensável companheiro...

Paulina Bonaparte, por J. F. Bosio

— Positivamente — segredava-se na côrte, entre risinhos maliciosos e significativos — Sua Altesa Imperial a princesa Paulina, duquesa soberana de Guastella roubou ao marechal Berthier o coronel de Canouville, seu ajudante de campo para o tomar ao seu serviço. Que diriao imperador se soubesse?

Mas a estouvada Paulina, *coeur d'ange, mais cervelle d'oiseau*, como alguém disse a seu respeito, estava decidida a imitar Catarina II na publicidade dos seus amores, e, longe de se ocultar, patenteava bem clara a ternura que sentia pelo jóvem Canouville.

Ninguém em Paris ignorava as relações que existiam entre a formosa princesa e o belo hussardo... a não ser Napoleão. Em 1511, numa maravilhosa tarde de primavera em que o próprio ceu esplendidamente azul, parecia tomar parte na festa, o imperador passava revista à sua guarda, na praça do Carroussel.

Paulina Bonaparte, por F. Kinson

Das janelas do palácio das Tulherias, debruçavam-se as princesas da família imperial, as marechalas, as generalas, as damas da côrte, todos os grandes nomes da moderna e antiga nobreza, numa palavra, enfim, as mais lindas mulheres de Paris.

Napoleão apareceu seguido do seu Estado Maior, Imediatamente, após êle, Duroc, o grande marechal do palácio, com a Casa Militar; à frente da Guarda, o Marechal Bessières com os seus ajudantes de campo e oficiais de serviço; defronte do imperador, Berthier, Príncipe de Neufchâtel, Major General do Exército, também com os seus ajudantes, entre os quais o coronel Canouville, favorito da princesa.

A parada decorria como de costume, quando se deu um pequeno incidente, que veio revelar ao côrso o romance que havia entre Paulina e o gentil coronel...

O cavalo de Canouville, um magnífico puro sangue, tão ricamente ajaezado como o corcel dum príncipe do Oriente, mas demasiado vivo para tomar parte numa revista, enervou-se e principiou a a empinar-se e a recuar. Todos olhares convergiram para o coronel e sua montada.

Júlio de Canouville era um cavaleiro admirável e, passados momentos o fogoso animal, depois de ter feito os maiores esforços para o cuspir da cela, estava completamente dominado.

Napoleão, que não perdera de vista a cena, querendo saber a quem pertencia o cavalo que ia causando desordem num esquadrão que, de ordinário, manobrava duma forma tão impecável, meteu a galope, e aproximou-se.

Com o seu olhar frio como o aço e agudo como a lâmina dum punhal, o imperador mediu, dos pés à cabeça o jóvem coronel. Tudo nêle, desde os arreios do cavalo, opostos àquêles que os regulamentos militares prescreviam, até ao uniforme de hussardo, duma elegância espantosa, que mais parecia um costume de fantasia de que uma farda oficial, lhe desagradou por completo.

— Mas que fazer? — murmurou o corso para consigo — se o primeiro a dar o exemplo destas detestáveis mascaradas é o meu cunhado Murat!

O imperador ia já a retirar-se sem ter formulado uma única censura, quando a pele que guarnecia a magnífica peliça de Canouville lhe atraiu a atenção. Os raciocínios e conclusões sucederam-se no seu espírito com uma rapidez vertiginosa.

A peliça estava enfeitada a murta zibelina... Ora, ninguém em França podia ter aquelas peles, visto os samoyedes que eram obrigados a pagar os seus tributos ao imperador da Rússia em martas zibelinas, nem a pêso de oiro venderiam uma única dessas peles... Apenas êle, possuia uma que lhe oferecera o czar Alexandre I, e a princesa Paulina outra, proveniente da mesma origem... Onde teria, pois, Canouville obtido a sua?

De súbito, um raio de luz iluminou Napoleão.

Aquêle homem era amante de Paulina, e fôra ela sem dúvida que lhe dera a sua pele de marta zibelina para guarnecer a peliça do grande uniforme...

— O que estariam a êsse hora — cogitou amargamente Bonaparte — dizendo os panfletos ingleses e austríacos que, todos os dias, inventavam uma nova a seu respeito, daquelas relações irregulares?!

E êle, que tanto desejava desmentir essas calúnias, mantendo uma correcção absoluta de costumes na sua côrte e uma austera moralidade nas pessoas da família imperial, via-se deshonrado por um dos seus próprios oficiais!

Oh! Era preciso sufocar aquêle escândalo, afastando o galã imediatamente de Paris.

— Coronel de Canouville — exclamou, por fim, com o mais cínico dos seus sorrisos — o seu cavalo é demasiado fogoso para tomar parte numa parada. Vai amansa-lo para a Rússia, ou para a Espanha, donde espero, que tanto êle como o senhor voltarão mais calmos...

Um dia de revista nos tempos do Império

Nessa mesma noite, apezar das lágrimas de Paulina, que fez — diz-se — uma cêna terrivel ao irmão, Canouville, encarregado de levar umas mensagens a Massena, tomava o caminho de Espanha.

— Não chores, meu amor — disse êle beijando as mãos da sua princesa — rebentando uma dúzia de cavalos, e galopando, dia e noite, mesmo pelo território ocupado pelo inimigo, estarei de volta dentro de quinze dias.

E, se bem o prometeu, melhor o cumpriu; mas, ao chegar a França, depois de ter arriscado cem vezes a vida para cumprir a promessa que fizéra à sua bem-amada, recebeu ordem de partir novamente para Espanha, e, só conseguiu regressar ao seu paiz, quando, ferido no combate de Fuentes Oñoro travado com os portugueses, veio convalescer para o Meio-Dia.

Paulina foi reünir-se-lhe, e longe do terrivel Argus, viveram os dois umas deliciosas semanas de amor e felicidade.

Mas Napoleão soube de tudo, e nos primeiros dias de Novembro, chegou uma ordem de marcha mandando apresentar o coronel de Canouville no regimento de caçadores 2, aquartelado em Dantzig.

Disseram-se adeus, um terno e suavissimo adeus orvalha de lágrimas dolorosas, e Canouville partiu.

Nunca mais se tornaram a ver. Só longe, nas solitárias estepas da Rússia, cobertas dum alvo sudário de neve, onde apenas se ouvia o terrivel uivar dos lobos e o sinistro crocitar dos corvos, o infeliz rapaz encontrou a morte.

Depois de se ter batido como um bravo em Smolenko e Moskova, de ter coberto de glória o seu nome, o coronel de Conouville morreu, não com beleza, como teria desejado morrer, sob os golpes da lança dum cossaco, ou pulverizado pelo fogo dos canhões russos, mas dum deplorável desastre.

Quando, após um combate, descarregavam uma peça de artilharia francesa, uma bala da mesma veio feri-lo mortalmente.

No peito, encontraram-lhe um medalhão rodeado de brilhantes, com o retrato da princesa Paulina. Entregaram-no ao rei Murat que, imediatamente o enviou ao cunhado.

A dor de Paulina, que, dias antes, mandara, como aliás costumava fazer duas vezes por mez, um enviado á Rússia informar-se do estado de saúde do seu bem-amado, pois as cartas não a sossegavam bastante, foi indescritivel.

Durante meses e meses, permaneceu acabrunhada, entregue a um desespero, cuja veemência, comoveu até aos próprios inimigos.

E, nunca até ao fim dos seus dias, a princesa deixou de recordar, com infinita amargura e saüdade, o bravo e infeliz hussardo que lhe inspirara o mais belo sentimento da sua vida, o único amor, verdadeiramente nobre e grande, que desabrochara na sua alma.

Anos depois, o inexorável arcanjo de asas negras desceu à Terra e ceifou a ardente flor da volupia que tanto amara e fôra amada.

Paulina Bonaparte sucumbiu à lei implacavel. Mas, ela vive, e viverá sempre, enquanto no Mundo se prestar culto à Arte e à Beleza, no imortal mármore de Canova.

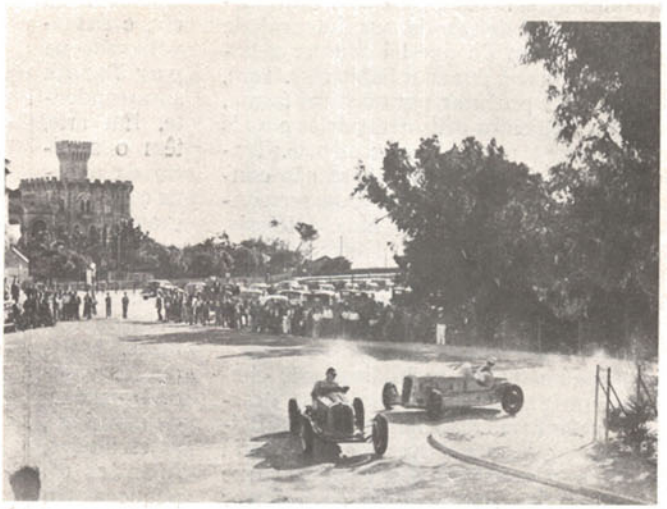
EUNICE PAULA.

A côrte em Fontainebleau

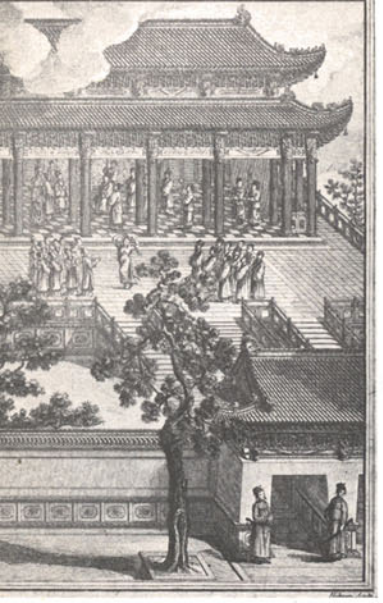
O CIRCUITO INTERNACIONAL DO ESTORIL

O Chefe do Estado com os srs. dr. Costa Leite (Lumbrales) sub-secretário do Estado das Finanças, general Domingos de Oliveira e conde de Monte Real, assistindo às provas. — A' direita: o sr. Presidente da República felicitando o vencedor, Manuel de Oliveira

A entrega do prémio ao vencedor do Circuito, sr. Manuel de Oliveira. — A' direita: a apresentação dos corredores — Jorge Monte Real, Henrique Lehrfeld, Mannel de Oliveira, Rayson e Benedito Lopes ao sr. Presidente da República



Um aspecto da prova de motos que foi ganha por António Pinto que em 29 minutos e 49 segundos, conseguiu a média horária de 81,496 metros. — A' direita: uma emocionante fase do circuito internacional. O inglês Rayson, devido a uma avaria, teve de desistir na altura em que comandava a prova



O Japão de outrora

AMBIÇÕES DO JAPÃO

O MOTIVO DO SEU CONSTANTE PROGREDIR

O Japão é constituído por uma cadeia irregular de arquipélagos e ilhas montanhosas e isoladas, e está situado no Extremo Oriente. Os habitantes do país chamam-lhe "Nipon", cujo significado é "Terra do Oriente, o que corresponde perfeitamente à sua situação geográfica. O vocábulo "Nipon" deu, por corrupção, Japão para nós, portugueses, e vai mudando de desinência conforme os hábitos das línguas para onde é trasladado, e assim é "Japon" em França, "Japan" na Inglaterra, etc. Além das inúmeras ilhas, o Japão também possui territórios em terra firme na Coreia e, recentemente, pelos tratados, tem direitos sôbre a Manchúria por 99 anos, e é, senhor de Porto Artur e de outros pontos, como mais adiante veremos. A ânsia do Japão por conquistar terrenos no continente asiático e não se contentar com o que tem, deve atribuír-se ao facto de não possuir carvão mineral nem ferro em quantidade suficiente para as suas indústrias e para defesa da sua integridade nacional, além do que há a notar a super abundância dos seus habitantes. Tem, portanto de procurar, por qualquer forma, os dois elementos mais necessários e mais importantes, para a sua existência. Trata-se, pois, de conquistar, e, se não conquistar, o seu futuro será o de ser conquistado por outros: a China, a Rússia, a Inglaterra, os Estados Unidos e a Alemanha nutriram sempre imenso empenho em possuir qualquer coisa, para aquelas bandas, ainda que não fôsse senão um pequeno *pied-à-terre*.

Infelizmente, o mundo ainda não chegou àquele grau de perfeição, tão desejado pelo bem intencionado rei da Bélgica, em que quem tivesse a mais daria a quem tivesse a menos, e crêmos que as águas dos rios continuarão a correr para os mares, ainda por alguns séculos, antes de chegarmos a êsse tempo em que a Justiça seja ministrada com justiça.

Por isso, o Japão continua a procurar pela violência aquilo que, por boas maneiras, não pode obter e que êle considera essencial para a defesa do seu território. E, como os habitantes do país são sóbrios, activos, inteligentes e progressivos, sempre tiraram proveito de tôdas as aventuras guerreiras em que se arriscaram. A Ilha Formosa, que fica mais perto da China que do núcleo principal das ilhas que constituem o Japão, e que pertencia àquele país, foi-lhe arrancada pelos japoneses em 1874; uma pequena península com um nome muito difícil de pronunciar, encravada em território chinês foi anexada pelo Japão em 1878, a-pesar-de de tôdas as ameças da China.

Em 1894 deu-se a guerra entre êstes dois últimos países, em virtude de interêsses de ambos na Coreia; a China foi derrotada, e a Coreia forçada a concluir com o Japão um tratado vantajoso para êste último. A esta seguiram-se novas vitórias e conquistas muito numerosas, e, por fim, em 1902, deu-se a guerra russo-japonesa, desastrosa para a Rússia, em que o Japão ficou vitorioso, senhor de Porto Artur em território russo; mais tarde ainda, conquistou o território, que liga aquele porto com a Coreia. Em 1914, o Japão colocou-se ao lado das potências aliadas na Grande Guerra e apossou-se das colónias alemãs de Kiaochow. Actualmente êste temerário país está empenhado em guerra com a China, e, a julgar pelo passado, é muito provável que mais uma vez consiga os seus objectivos. Não há memória de o Japão ter perdido...

Os japoneses assimilaram a civilização chinesa no sexto século da nossa era, e desenvolveram-na por forma surpreendente. Em arte, têm o sentido da decoração, em grau tão elevado, que só encontram rival nos seus primos chineses. As lacas, os vasos de bronze ou de porcelana, as esculturas, grandes ou pequenas, em ouro, bronze ou marfim da criação da requintada arte dos japoneses, são de um encanto sem fim. Algumas dessas preciosidades, de maior valor, raramente se encontram na Europa, porque ninguém as aprecia mais e as paga mais caras, do que os próprios chineses e japoneses.

A mais bela imagem de Budha, fundador do budhismo, que é uma das religiões do Japão, importada da Coreia no ano de 552 da era vulgar, existe num bosque perto de um templo em Kamakura, é de bronze, mede 15 metros de alto e foi fundida em 1251.

Modernamente os japoneses fabricam artigos para exportação que são de um mau gôsto repelente, como se pode verificar por alguns produtos expostos nas ruas de Lisboa. Como êsses orientais, que são os primeiros decoradores do mundo, devem rir, e até despresar, o comprador dêsses hediondos artefactos, produzidos com destino aos selvagens da Europa!

O japonês acaricia diàriamente os seus *bibelots* de estimação, com amor e reverência ou estasia-se perante uma gravura de um mestre do século quinze ou dezasseis. Pela leitura dos trabalhos encantadores de Wenceslau de Morais, que viveu no Japão como japonês, adivinha-se a adoração que a alma japonesa tem pelas deliciosas lendas poéticas do seu folklore.

Neves nipónicas

Foram os missionários portugueses os primeiros estrangeiros, que entraram e se estabeleceram no país, e ali fundaram missões católicas, nos séculos quinze e dezasseis. Não foi sem grande dificuldade que os japoneses consentiram na entrada de estrangeiros no seu território.

Em 1854, os holandeses empreenderam várias tentativas com o fim de obter dos japoneses algumas concessões. Essa época assemelha-se, em alguns pontos, à situação actual da política do Extremo Oriente.

Nêsse momento a atenção do mundo inteiro fixava-se sôbre os acontecimentos que se desenrolavam naquelas paragens. Na Índia davam-se os últimos esforços de insurreição, que abalaram por um momento o domínio britânico; na China, as bandeiras da França e da Inglaterra flutuavam com rivalidade nos mares de Cantão e no Japão; finalmente, as barreiras seculares, eram destruídas por pacíficas negociações. "Entre êstes acontecimentos (diz a velha crónica donde estamos extraindo estas notas) o mais recente, senão o mais brilhante, é a abertura do comércio do único país, que até hoje se tinha conservado fechado ás grandes negociações».

E nós continuamos a colhêr da referida crónica, que tem um sabôr antigo e interessante: "São bem conhecidas as relações, que existiam nêstes últimos anos, entre o Japão e os Estados Unidos, a Inglaterra e a Rússia pelos Tratados de 31 de Março de 1854, 14 de Outubro do mesmo ano e 26 de Janeiro de 1855. Pelo Tratado de 30 de Janeiro de 1856, o Japão tinha concedido melhores condições aos Países Baixos, quer dizer, ao único Estado europeu com o qual existiam relações difíceis e limitadas, nêstes últimos dois séculos.

A côrte de Yedo

"Se as notícias que temos são exactas, já se não trata de concessões restritas, mas parece ter havido na côrte de Yedo uma revolução comercial completa. Este resultado é o fruto de trabalhos assíduos, praticados durante catorze anos, e que até hoje têm obtido muito pouca publicidade.

"Em 1844, o rei Guilherme II (da casa de Orange) escreveu ao imperador do Japão afim de que abandonasse voluntariamente um sistema de exclusão, que não estava em harmonia com a época; e esta carta serviu de base invariável para a política, que o gabinete da Haia adoptou imediatamente com êste império insular. A côrte do Japão respondeu á carta com uma recusa, declarando ao mesmo tempo que as leis do Império não permitiam relações mais íntimas com os outros países, todavia, Guilherme II não desanimou, e, pela sua influência, começaram a conceder-se socorros aos náufragos, portando-se melhor com os navios estranjeiros, que visitavam as paragens do Japão. Apenas constou que se preparava uma expedição, o govêrno neerlandez fez novas instâncias.

"Uma carta enérgica, dirigida a 2 de Novembro de 1852, pelo director da feitoria, Mr. Dunker-Curtius, ao governador de Nagazaki acabava por estas palavras: "Sua Majestade o rei dos Países Baixos espera que a paz se mantenha se o govêrno japonês se portar com o Presidente dos Estados Unidos da maneira que eu lhe indicar». Alguns meses depois é que a esquadra americana lançou ferro na baía de Yedo e que o comodoro Perry entabulou negociações que, como é sabido, não tiveram resultado imediato. Pouco depois da sua partida, foi Mr. Dunker-Curtius convidado para uma conferência com o comissário imperial nomeado pelo governador de Nagazaki. O comissário alegou de novo a imobilidade das leis do Império; porém notou-se, por uma carta do Governador, que os argumentos do director da feitoria holandesa tinham feito alguma impressão.

"Terás compreendido o que se vos observou, quanto á impossibilidade de modificar as leis do Império — dizia êle — e de tolerar as relações comerciais com os países estranjeiros. Todavia, não nos parece inadmissível ao que vos haveis referido, sôbre depósitos de carvão e necessidade de conceder refúgio a quem fôr, pelas tempestades, arrojado ás nossas praias».

"E deste modo se achavam preparadas as bases da convenção que o comodoro americano obtivera quando voltou em 1854. O gabinete da Haia não se limitava a dar prudentes conselhos á côrte de Yedo; auxiliava também, quanto em si cabia, as outras nações comerciantes. Remeteu seguidamente ao gabinetede Washington êstes esclarecimentos. O comodoro americano Perry, o almirante russo Putiatine e o almirante inglês Sir James Stirling, tiveram motivos para agradecer os bons ofícios da autoridade holandesa. Tratava-se ao mesmo tempo de iniciar os japoneses nos princípios da nossa civilização e artes. Dava-se movimento, ante um povo curioso e inteligente, a máquinas a vapor e ao telégrafo eléctrico. Os holandeses, não perdendo o fruto de tão grandes esforços, conseguiram aumentar o seu crédito no Japão e também remover diversos obstáculos e gozar de iguais vantagens ás que outras nações pudessem ter. Todavia, em 1855, ainda as negociações com o Japão não tinham alcançado senão um resultado medíocre. Três portos daquêle Império tinham sido franqueados a quatro nações cristãs: Estados Unidos da América, Inglaterra, Rússia e Países-Baixos; porém eram apenas portos de refúgio, porque o comércio estava, como dantes reservado para os chineses e holandeses. Não ha nada tão miserável como êsse comércio privilegiado aos holandeses, pondo até mesmo de parte as condições opressivas que o regulavam.

Contemplando o horisonte

"Todavia, o govêrno neerlandez fez tôdas as diligências por dar maior desenvolvimento a essas relações comerciais. Estabeleceu-se em Desima uma biblioteca científica e uma colecção de modelos e instrumentos; um sábio holandês, organizou um curso de química e mecânica; um engenheiro, também holandês, foi encarregado de ensinar os melhores processos para a exploração das minas. O que o govêrno japonês mais desejava era possuir uma boa marinha de guerra. O govêrno, sem conceder absolutamente tudo quanto se exigia dele, julgou dever ceder a um desejo muitíssimo justo. Quando as relações do Japão com os países estrangeiros se iam tornando mais activas, julgou que era uma prova de lealdade o conceder-lhe os meios de poder defender a sua independência. Portanto, concedeu licença para que se construissem nos seus pró-

prios estaleiros navios para a marinha japonesa e encarregou um destacamento de soldados da marinha de promover o ensino de uma tripulação indígena, ensino que, a julgar pelas últimas notícias, teve um resultado muito satisfatório. A recompensa de todos êsses serviços devia-se à liberdade de comércio. Mais 15 artigos foram propostos por um comissário, às autoridades de Nagazaki, além do Tratado definitivo, que, em 1856, tinha substituído uma convenção anterior.

"Os artigos propostos diziam principalmente respeito à admissão das mulheres e das crianças holandesas, nos portos de comércio livre; o exercício do culto cristão e a abolição do terrível costume de pisarem aos pés a Imagem de Cristo; a faculdade de se poder vender e comprar a todos os negociantes do país e, finalmente, que se estendessem a todos os Estados estrangeiros os direitos concedidos aos neerlandeses.

Tôdas estas propostas não agradaram muito ao govêrno japonês e, tanto assim, que não foi possível alcançar resposta alguma satisfatória. Em resultado disso, o govêrno neerlandês resolveu não facilitar tanto os meios de defesa do país, que para lá mandava, até que o govêrno de Yedo fizesse alguma concessão. Parece que chegou justamente a ocasião em que o govêrno de Yedo vai ceder às instâncias do govêrno holandês, e eis aqui o que aconteceu: Os 15 artigos que tinham sido propostos foram substituidos por 40, em 16 de Outubro de 1857, os quais constituem um novo sistema de relações em que o govêrno consentiu. É permitido o comércio nos dois portos de Nagazaki e Hakodadi. O direito de tonelagem, o direito de importação das fazendas, o modo de vender e pagamento das mesmas fazendas e tôdas as formalidades, que dizem respeito à vigilância do comércio são regulados com tôda a minuciosidade. A importação do ópio é proïbida, bem como a exportação da moeda do país; além disso, o govêrno do Japão fica com o direito de, quando queira, proïbir a exportação de alimentos e até mesmo a da cera e do papel. Há ainda algumas declarações especiais muito importantes. Uma delas admite as mulheres e crianças nos portos franqueados aos estrangeiros; uma outra proíbe que se pise a imagem de Cristo. A mais notável diz o seguinte: "O govêrno do Japão está pronto a fazer os mesmos tratados com tôdas as nações civilizadas, até mesmo com Portugal. É sabido que foi o zêlo religioso dos missionários portugueses, que há dois séculos provocou a exclusão de todos os europeus, à excepção dos holandeses. Pouco tempo antes de terem sido feitas aos Países Baixos estas concessões, o Consul dos Estados Unidos, em Simoda, a 17 de Junho de 1857, tinha feito um Tratado, cujo texto foi publicado pelos jornais americanos, porém, as concessões feitas nesse Tratado são muito inferiores às que devemos à diplomacia do govêrno holandês».

Esta notícia foi publicada primitivamente por um periódico belga, e dá-nos bem o quadro do Japão na sua menoridade, necessitando de tutor, quanto à sua marinha de guerra, e, em embrião, quanto às suas relações comerciais com as outras nações. Hoje, oitenta anos mais tarde, a sua marinha de guerra é, em poder, a quarta do mundo, e o seu comércio faz a concorrência a todos os artefactos produzidos pelas indústrias europeias, em todos os ramos. Nos arquivos portugueses, como o da Tôrre do Tombo e o da Biblioteca da Ajuda, existem relatórios e notícias que, no século dezasseis, os padres missionários enviavam para a metrópole e que são do maior interêsse para a história do Japão. É um manancial que está por explorar pelos historiadores japoneses, talvez por não terem conhecimento da sua importância.

Não virá longe o dia em que os nipónicos, dando largas ao seu espírito empreendedor, venham reünir os elementos necessários para a história completa do desenvolvimento da sua Pátria. Engenho não lhes falta... E, francamente, a nossa acção junto dêles apenas os deve orgulhar, pois fômos leais e generosos com os seus respeitáveis antepassados.

ADOLFO BENARÚS.

O vulcão do Fugi-Yama, a 4.900 metros de altura

Recanto japonês

ASAS DE GRAÇA E DE DESGRAÇA

NAS conquistas mais notáveis do aproveitamento da mecânica conta-se o aeroplano.

Quando apareceram os primeiros automóveis tôda a gente pasmava, ao vê-los andar "sòzinhos", sem nada que os puxasse.

Parecia coisas de artes diabólicas — uma massa pesada como aquela a deslizar ràpidamente pela rua fora, com uma ligeireza de brinquedo.

Quando começaram a figurar na tela dos cinemas, ainda mais estranho parecia. Com o "chauffeur" embrulhado em peles, dando a impressão de que em vez dum homem levava um urso ao volante, a impressão recebida era bizarra em extremo e chegava a fazer medo.

■

A pouco e pouco, a gente foi-se acostumando ao novo veículo, e não tardou muito que êle não destronasse por completo o cavalo, e atirasse com os cocheiros para a miséria.

Já se viam bodas, com o seu cortejo de automóveis, e já de quando em vez, como que para lançar mais intensamente a moda do carro-fantasma, que andava "por si", alguma parturiente mais apressada dava á luz recostada nas suas fofas almofadas, antes de chegar ao hospital.

Depois, para completar a trilogia da vida, ao nascimento e ao noivado, veio juntar-se o funeral.

O automóvel criou nos espíritos, até ali embalados pelo rodar moderado e "não te rales" do trem de praça, a ânsia da velocidade.

E, então, toca a aproveitá-lo para viver mais depressa, acabar mais cêdo com as massadas que a vida traz.

O nascimento é o primeiro passo para a morte, o casamento é a morte de muitas ilusões, e, por fim, para que tudo seja no gosto da agitação da época, é melhor levar o cadaver de automóvel também, e fica tudo liquidado a tantos quilómetros por hora.

Se êle até já há o *Club dos cem*...

Isto é que é vontade de levar a vida de um golpe.

Que a bem dizer, para o que ela presentemente representa para alguns, está tudo certo.

■

Mas a ambição do homem não é vontade que se cale e satisfaça com qualquer pitança, nem mesmo quando essa pitança é da fôrça dum "Roadster" ou dum "Ford" moderno.

Mau é que êle prove qualquer acepipe novo, porque começa logo a querer mais e melhor.

O automóvel, afinal, não era ainda a última palavra da rapidez, o devorador desejado da distância — essa palavra que encanta e faz sonhar novas delícias, novas sensações e também novos desenganos.

Devia haver melhor — era preciso que houvesse melhor.

E houve. O aeroplano apareceu um belo dia, a disputar o azul aos pardais, entrou pelos domínios da águia e o homem rejubilou, e gritou, como nas "fitas" os garotos gritam, quando se aproxima o momento de gáudio da grossa pancadaria: — É agora!

Desde a "mademoiselle" dêsse idealista do Santos Dumont, até aos monstruosos aviões da Lufthansa, que de tentativas, não querer mais e melhor! Quantas vidas por aí fora, pela estrada das suas experiencias e das suas conquistas...

E quantas desgraças êle semeia pelo mundo, voluntàriamente, comandado pela crueldade e, tristeza é dizê-lo, crueldade ás vezes imposta pela necessidade de defender um lindo ideal — como é o amor da pátria.

■

Entre as desgraças, ordenadas essas pelo destino, temos a registar o desaparecimento dessa corajosa Amélia Eahart, que depois de dezoito anos de vôo, sucumbiu no seu próprio sonho, e do nosso nunca suficientemente lembrado Sacadura Cabral — a quem eu crismei, numa crónica, de "Nosso Senhor do Ar", aqui na *Ilustração*.

E agora, muito mais perto de nós, essa catastrofe do Aguia Branca, segundo em nome, que arrojou ao mar — o glutão sinistro "travesti" de beleza — com os corpos e as aspirações de quatro moços cheios de talento, bôas intenções e altos projectos.

E a desgraça anda agarrada às suas asas, porque ela não perdôa aos homens que queiram viver sem ela, que abram os braços á felicidade, subjugados pela sua formozura, e a deixem a ela — a triste feia de quem todos fogem — abandonada, enrodilhada na vergonha do seu nome odiado e temido.

■

Mas a graça que há em todas as asas, desde a asa fluida do antipático mosquito até à majestade do vôo das aves de rapina, não se julgou diminuida, acariciando de vez em quando essas asas artificiais que o engenho do homem criou. E é assim que o amor também se compraz em sentar-se na carlinga dêsse passaro de madeira carregado de metal.

E o par-modêlo dessa graça suprema é o casal Lindbergh. Desde há muitos anos que êle deixou de voar sòzinho.

No seu "Espírito de São Luiz" o avião que o levou, naquêle arranco que espantou as multidões de Nova-York a Paris, nêsse mesmo avião, êle tem, desde o seu casamento, em 1929, por companheira constante sua mulher, e foi no espaço, entre terra e ceu, que êles passaram a sua lua de mel.

Assim Morgan apaixonou-se de tal forma pela aviação, que já tem há tempos a sua carta de piloto.

Quando o marido descansa é ela quem guia o aparelho.

Já percorreram o mundo de lés-a-lés, sempre juntos.

Nada lhes tirou a paixão do espaço, porque êle foi a sagração do seu amor e de consêlho lhes tem servido, nas suas desventuras.

Quando os homens lhe ferem o coração, êles fogem dos homens. Sobem mais alto, e lá em cima, mais perto de Deus, sentem-se mais seguros, contra a maldade que cá em baixo ruge...

MERCEDES BLASCO.

Equilíbrio da Natureza — Pedrógam, Caramulo

VIAGENS NA NOSSA TERRA

A majestade da Serra da Estrêla

O pôr do sol!

Descreva-o Tomás da Fonseca, filho querido da Montanha:

"De sul a norte nuvens se estendiam em grandes faixas multicôres — purpurinas, esverdeadas, amarelas, côr de rosa, côr de cera, côr de leite, sanguíneas, alaranjadas, rubras — modificando constantemente a sua forma, fazendo variar continuamente a paisagem oceânica.

E não era só essa costa de mar, orlada com o fulgôr das nuvens e o brilho de oiro das areias. Belas eram também as serras longínquas, levemente empoadas, que faziam lembrar uma dessas tardes vaporosas da Irlanda, onde a natureza parece entoar ainda a harmonia das plangentes baladas de Ossian.

E o sol descia lentamente. Outras nuvens de outras côres tornavam mais belo ainda o panorama. Confundiam-se, cruzavam-se, absorviam-se, multiplicavam-se. As doiradas sobrepondo-se às alaranjadas, as côr de safira casando-se às côr de sangue. Outras de estrutura e contorno extravagantes, formadas em agulhas, em arestas, em flechas, em tôrres, em abismos, que faziam supôr andarem ali rugindo, andarem voando, mastodontes e megatérios, mesosauros, megalosauros, diclonius de dois mil dentes, leviatans de dois mil palmos.

Mas a voragem transformava-se para dar logar à relumbrância de mil côres que se confundia e ampliava nesse leito edénico das ondas...

E o sol descia lentamente.

Uma difusa luz flutuava agora, serena como a alma dos justos, por entre nuvens carregadas, sobrepostas.

O panorama do céu, junto à solidão da terra, mais nos fazia sentir ainda o pêso dêsse infinito alvor deserto...

E lentamente o sol descia.

Agora já tocava o mar. E tôda a costa se ia ruborescendo mais e mais.

Dividido por uma nuvem oblonga, o belo astro semelhava uma galera purpurina, singrando num atlântico de fogo.

Tanto deslumbramento e tanta luz difusa, que as próprias montanhas que se estendiam a nossos pés pareciam cobertas de oiro e purpura...

Quando enfim o último raio de luz desapareceu na neblina um vasto clarão ruborisava ainda o horisonte numa distância de muitas léguas sôbre o mar. Um mortal silêncio pairava sôbre a terra. Apenas, de longe em longe, os mugidos do novilho perdendo-se na profundidade dos vales e o chocalhos do rebanho, dobrando a encosta...».

Na esplanada atravessamos agora terrenos em que a água meruja. A Fonte dos Pastores abrolha do granito numa fenda vulvular, e, decorrendo entre moitas, forma corga que vai lançar-se na ribeira da Tijosa, tributária do Criz.

Passamos Fonte Velha. A' esquerda, as Pedras da Trindade; à direita, a Brôa do Rei. Nas Cavadinhas, sôbre o Pinheiro Só, batem os primeiros alvôres do luar...

E, alcançando os Coiços, atravessadas as Leiras Grandes, entramos em Jueus, à hora da ceia.

Saindo de Jueus, poucos passos andados, topamos, à Azinhaga, o Salvador do Clemente, que vai ao seu granjeio; logo adiante, a tia Ana do Malhapão, que com êle anda ao dia fora. E juntamo-nos, como amigos velhos.

Fica-nos à direita a ribeira dos Mèdeiros, que vem do Pico, e à esquerda a ribeira do Pedrógão. A bárbara canção das águas, que se despenham, casa-se à bravia aspereza da Serra.

Na solidão, o silêncio vem de si, naturalmente. O montanhês é pouco falador. E noto que só ligamos um pouco de conversa, ao cortar pelos amanhadios, quando os moços que andam na lida nos dão o — *Salve-os Deus!* e os velhos, sentados à sombra das laranjeiras, despertam do seu meio sono, apaziguando o cão de guarda que arremete...

Entre os milharais as vides de enforcado balouçam grinaldas, das altas ramarias.

As culturas descem de torna em torna; de botaréu em botaréu, em fieira, espadana a água cristalina.

A floresta e o sol tecem à terra um manto verde oiro.

O arvoredo denso insinua-se pelos declives, formando arcadas sôbre regatos e aprazíveis retiros que, por estas tardes estivais, a luz e a temperatura tão a sabor do corpo, convidam a delicioso repouso.

Passamos a corga das Porqueiras. Ao pontão da Ribeira do Corço, o Salvador, há muito atento à satisfação dos meus olhos, glosa o arroubo contemplativo:

— Tôdas estas corgas vão lançar-se à Tijosa, que depois cai no Criz. E não pode imaginar — há ocasiões, no inverno, que elas fazem *versos* que nem rios grandes...

Para chamar versos aos fragores da tempestade, ao bramir cavernoso das torrentes, é preciso ter uma alma heroica. Foi com alma assim que Camões cantou os Lusíadas...

Olho a fito o Salvador: a sua cabeça poderosa, o seu rosto brônzeo são de um guerreiro. Bom modelo para Sousa Lopes...

Chegámos à sua propriedade; despedimo-nos: — *Até mais ver...*

Alguem canta na deveza:

Adeus, rocios do Corço,
Baldios da Fonte Armada...

Daí a pouco, estamos na Fonte Fria, abundante manancial que corre até ao Linheiro. Já à esquerda fica o caminho do Campo, por Castelões.

A esta altura reaparece o medronheiro. E o rosmaninho alastra.

Reparamos na brutal resinagem: dez e doze chagas abertas em cada gigante da floresta!

Passamos à Fonte Armada. Ao cimo do valeiro do Grande, casinholos abandonados aconchegam-se sob um docel de arvoredo.

Seguem-se soitos e terrenos de regadio.

No caminho a erosão e a carretagem morderam fundo o granito.

Á Escadinha alvoresce um perfil de mulher...

É a Piedade, a pastora que junto do Caramulinho, começando pela tardinha a corujar, me queria emprestar a sua capucha. Fico contente de a ver. Foi a Múceres buscar vinho para uma malha. Mas como vem cansada! Por milagre não passará um carro que lhe leve o pesado garrafão? Poderá Deus esquecer a doce criatura?!

Alcança-se até o mais alto da Serra. Tudo arborizado; só, aqui e além, ressaindo a penedia, como ruínas de castelos em bosquedo medieval.

Deixámos o caminho carreiro. Á direita, um fundão magnífico todo coberto de mata. Da espessura sobe o murmúrio da brisa e das águas...

Uma larga fita verde-tenro, verde claro, marca na floresta, subjacente, a linha ribeirinha até à planície, onde o pinhal avança ainda em caudal, separando terras de cultura.

Há meio século múltiplas invasões destruiram os soitos de castanheiros, de carvalhos e sôbros, as vinhas, os olivedos, os laranjais, e tôda a próspera região de Besteiros teve de cobrir-se de pinhal em último recurso. Mas não tardou felizmente que, pelo replantio, a vinha e a oliveira reganhassem o seu domínio. E das antigas essências só o castanheiro não reapareceu ainda.

Fetos e juncais. E a camomila, com a sua florinha amarela, esmalta a verde toalha herbácea, rasteira, abeberada de humidade.

Grandes pinheiros firmam-se, arraigando-se em pedregal.

A aragem agita de leve os cimos; as agulhas desprendem-se numa chuva fina. De quando em quando, pinhas caem, despertando bandos de rôlas.

Quem, por êstes sítios, buzina numa concha marinha?

É o correio do Vale, que assim se anuncia aos homens, como um mitológico emissário dos deuses, indiferentemente semeando as boas e as más novas...

Avista-se a povoação do Linheiro.

São quatro da tarde. Temos vindo de vagar.

Findo o atalho, reentramos no caminho. Mas que caminho!

Nas minhas peregrinações por Portugal nada me confrange mais que o abandono destas populações serranas.

O homem do mar e o homem da montanha, dominando a fúria das tempestades, o assombro do Acaso, nas fronteiras das Águas e do Ar, precisam ser considerados especialmente pela Lei.

E não esqueçamos que Montanha e Montanhês são termos da mesma equação. O montanhês, velando pela montanha, vela por todos nós. Que o Estado o não abandone!

Um tunel sob a neve

Em frente, Linheiro, Cortiçada, Molelinhos, Molelos, Botulho, Tondela, Lobão; a nascente, Campo, Vilar, Mosteiro de Fráguas.

Para o norte, perto, o Santuário do Coração de Maria, de Castelões.

Descendo, tomamos por novo atalho. Seguimos rente a um muro de pedra sôlta... E eis Múceres!

A linda vista! Á esquerda, o Vale da Ponte, tão ameno e gracioso — o ribeiro murmurando sob as ramarias frondejantes, casando-se numa mesma melodia a voz das águas e o vago rumor da floresta, e os lindos casais, que se debruçam do último contraforte do Caramulo para a primeira agra da planície, entre pomares, no ar puríssimo confundidos o forte, resinoso aroma do pinho e o violento perfume dos laranjais...

LOPES DE OLIVEIRA.

A rústica imponência da Tôrre na Serra da Estrêla

Sanatório de Manteigas

Lagoa do Covão da Clareza

Um crocodilo caçando um tigre

OS PRAZERES DA CAÇA

e a atávica ferocidade do homem

O prazer da caça faz parte integrante do homem desde o começo do Mundo.

É de crêr que, pela necessidade de obter sustento, o homem, obedecendo ao seu instinto, foi caçador antes de se ter dedicado à agricultura.

Ainda hoje, se procurarmos através da Polinésia encontraremos povos que, não sentindo inclinação para os trabalhos do campo, se alimentam exclusivamente da caça e da pesca.

Começando a civilizar-se, o homem não deixa de ser caçador; pelo contrário, aperfeiçoa a arte de abater os restantes animais, e sempre com a maior tranqüilidade de consciência, através de todas as religiões, mesmo as panteístas, assegurando que os deuses criaram as rezes, os quadrúpedes, as aves e os peixes para sustento do homem.

Ave pescando

No entanto, todo o progresso da caça, apesar de muito interessante, é deficiente e banal perante a astúcia e a inventiva que os povos selvagens ainda põem na sua arte de caçar, e que nos dão uma ideia do que seria a luta admirável nos começos do Mundo, entre o homem e a fera e de que meios êle se valeria para conseguir o seu fim.

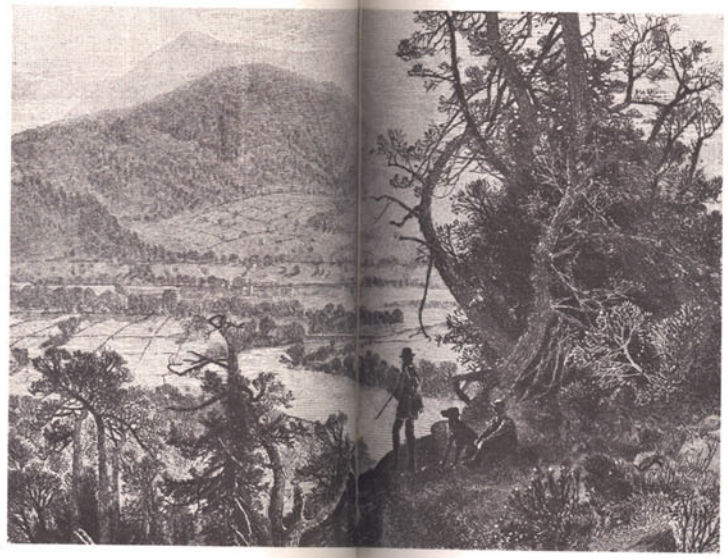
Assim, na África do Sul, os selvagens que não sentem a atracção da lavoira, levam dias e dias seguindo os antílopes que, como é sabido, possúem, além duma agilidade assombrosa, vista, ouvido e olfato apuradíssimos. Apesar de tudo, o caçador consegue, ao cabo de verdadeiras maravilhas de engenho e de paciência, atingir o perseguido com uma flecha envenenada.

Os indígenas da Austrália são igualmente grandes caçadores e têm processos originalíssimos: cobrem o corpo com lôdo para iludir o faro dos animais, cobrem-se com ramos até fingir de verdadeiras árvores ou matagais ambulantes, logrando desta maneira aproximar-se da caça sem que esta os receie; apanham as aves aquáticas, metendo-se na água até o pescoço e com a cabeça transformada num macisso de juncos.

Os esquimós, que habitam nas cercânias polares, são também destros caçadores: assim conseguem, não só alimento, mas tudo o que necessitam para o seu mísero viver: peles para as suas tendas, e vestuário e calçado. Utilizam nas suas caçadas os cães admiráveis que empregam para a condução dos trenós, e com êles perseguem e apanham os animais característicos daquelas regiões, como o boi almiscarado, a rena, o lôbo, a raposa, as focas, etc. Entre as armas que utilizam ha uma que empregam especialmente contra as aves: consiste em duas bolas de barro ou de pedra unidas entre si por uma meia vara de corda. Lançam ao ar esta arma, e a corda, ao enredar-se na ave que atinge, obriga-a a tombar no solo, por motivo do pêso das bolas.

Admiráveis caçadores são os indígenas do centro de África, do Saharà, e dos bosques da Guiné e do Sudão. Ali defrontam o leão, o elefante, o hipopótamo, o rinoceronte, as tremendas serpentes como a bôa e arripiante cobra cascavel. O mais curioso é que estes selvagens, como os seus primitivos e similares antepassados da Ásia e da Europa, conhecem a arte de utilizar as aves de rapina em seu proveito, e as aves piscívoras para pescar sem grande trabalho. Do mesmo modo, alguns antigos povos da América eram caçadores formidáveis, e ainda muitas das tríbus indianas que se conservam no seio dos bosques vírgens do Brasil e nos altos cumes inexplorados da Bolívia, do Perú e da Colombia, têm a caça, por único trabalho, por único sustento e por único exercício. Em boa verdade os seus costumes de caçadores não diferiam dos usados pelos demais selvagens que existiam no Mundo e ainda existem.

Caça ráp. — Em boa espera



Sómente os peles vermelhas, os índios dos imensos prados que se transformaram nos Estados Unidos e no Canadá tinham algo de originalidade e carácter próprio. Viviam estas tríbus quási exclusivamente à custa das imensas manadas de bisontes que pastavam naquelas regiões. Estas manadas eram emigrantes e freqüentemente empreendiam incompreensíveis caminhadas à procura de melhor pasto ou de clima mais benigno. Atraz das manadas de bisontes iam as tríbus dos peles vermelhas que só acampavam onde os animais se decidiam a descansar. Para se acercarem dos bisontes sem que êstes se apercebessem, os índios cobriam-se com peles de lôbo, animal que não é temido pela manada, pois nunca a ataca. Assim, rastejando, como se lôbos fôssem, os peles vermelhas conseguiam misturar-se com os bisontes, que abatiam com certeiros golpes. Isto quere dizer que os índios conheciam o sistema do descabelo como os nossos melhores magarefes. A civilização acabou com tudo isto. Primeiro, ensinou os índios a utilizar o cavalo para perseguir o bisonte, e as armas de fogo para o abater à distância; seguidamente acabou com os férteis prados bravios; depois deu caça aos bisontes até os exterminar, e, finalmente, deu cabo também dos peles vermelhas!

Na América pre-colombina havia grandes e famosas caçadas que seria pena esquecer. O govêrno dos Incas tinha a sua maior fonte de receita na venda das peles dos animais que cada ano eram caçados em toda a nação. Organizava estas caçadas o mesmo govêrno, e acudiam a elas todos os homens que o desejassem, mas com a obrigação de entregar ao govêrno todas as peles dos animais que caçassem, podendo dispôr da carne como entendessem.

Todavia, entre estes povos primitivos, ou entre os que continuaram durante séculos e séculos com civilizações rudimentares, nenhum soube converter a caça de necessidade em diversão como o povo egípcio que chegou a amestrar não só cães e aves de rapina, mas até leões para o auxiliar nas caçadas que empreendia!

Entre os animais dá-se também a terrível luta pela vida, acrescendo ainda, em seu favor, que nenhuma fera, por mais terrível que seja, se dedica a caçar para se distraír...

Que sustento poderia dar um pobre passarito a um caçador que lhe ferra uma chumbada tão sòmente para experimentar a sua pontaria?

É ver com que ansiedade o caçador

Ataque que se gora

aguarda o período em que lhe é permitido fusilar tôda a espécie de animais indefesos! Mas, se em plena serra, um lobo, acossado pela fome, lhe sai ao encontro, o homem assanha-se e, organiza um batalhão para dar caça à fera.

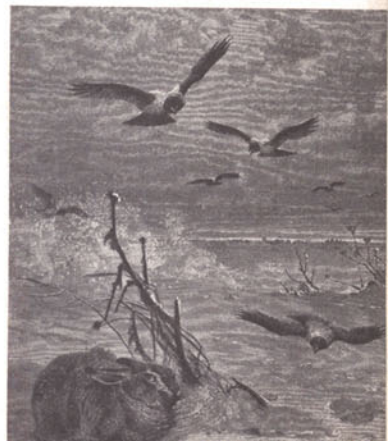
¡LO que não irá por êsse povoado se uma raposa teve artes de levar uma galinha nos dentes! Caçar é reservado ao homem.

Razão tinha aquela hiena que, aconchegando a cria, no fundo do seu covil, à passagem dum grupo de caçadores, dizia aos filhos (passava-se isto no tempo em que os animais falavam) a elucidá-los para o futuro:

"— Tomai cautela com o homem, que é a piór das feras que Deus deitou ao mundo!"

E ainda hoje se verifica que a hiena tem cada vez mais razão.

Um cêrco em regra



A ORIGEM DO TABACO

segundo uma deliciosa lenda dos muçulmanos

Em nome de Allah, clemente e misericordioso, que nos deu a cana para escrever, e que todos os dias ensina aos homens alguma das muitas coisas que êles não sabem, escutai:

Só Ele é o grande, o poderoso, o senhor dos anjos e dos homens.

Nos seus lábios está a verdade, e a luz dêsses sois, que brilham sôbre as montanhas, vem dos seus olhos,

Um dos seus dedos governa a máquina dos mundos.

O sôpro da sua boca é o vento que varre as areias do deserto.

Escutai:

Não é a lenda da formosa Zobeida, nem a do sultão de Kandahor, nem a história da formosa beduína, nem uma dessas dulcíssimas lendas e contos de fadas que os bardos orientais cantam ao som da "guzla", sentados à porta dos cafés de Bagdad, ou diante dos bazares de Djeddah, a opulenta.

Não é uma dessas lendas côr de rosa que os beduinos entoam junto do Poço da Bênção, enquanto enchem os cântaros, quando o sol dorme nos braços da tarde, ou que os pastores do deserto cantam, reünidos nos Penedos Còrados, à hora em que os camelos e as caravanas repousam debaixo da branca tenda e a lua se levanta no horizonte.

Esta é a lenda que os bons crentes recitam, de olhos voltados para a Santa Kibla, e que me contou Ali-Hassan, da tribu de Beni-el-Védar, em certa manhã, passeando juntos à beira-mar.

Ao nascer do sol, Ali estendeu o tapete da oração, caiu de joelhos e recitou o *Fattah*.

Quando terminou essa oração, levantou-se e ofereceu-me o "cachimbo da amizade".

Sentámo-nos e começamos a fumar.

— Não sabes, cristão — disse-me êle — a origem desta folha, cujo aroma estamos aspirando, e cujo fumo se eleva até o trono de Allah, misturado com o perfume das flores?

— Não sei, muçulmano — respondi eu.

— Louvado seja Allah — exclamou — que só revelou a crentes os mistérios das coisas ocultas, pela boca do Profeta. De Deus sômos, e para Deus havemos de voltar... Ele é grande!

E, deitando mais tabaco no cachimbo, contou-me a seguinte lenda, simples, mas profundamente religiosa e severa.

II

Viajava em certa ocasião o profeta Mahomet (Deus o tenha na sua glória) pelos desertos do Yémen.

Era inverno, e, como fazia frio, os répteis dormiam o sono das compridas noites.

A égua em que o profeta montava pôs uma pata sôbre o covil duma víbora, e então apareceu esta completamente adormecida pelo frio. Mahomet teve compaixão do réptil; desceu da égua, apanhou a víbora, e meteu-a dentro da manga da sua túnica, para que o calor a voltasse à vida.

E o calor deu-lhe vida novamente.

Depressa começou a mover-se; depois deitou a cabeça de fora, e disse:

— Profeta, quero morder-te na mão.

— Não sejas ingrata — respondeu êle.

— Assim o quero.

— Quando me provares o que te deu motivo para me ofender, consentirei que me mordas.

— A tua raça — silvou a víbora — está sempre em guerra com a minha: os pés dos teus e as patas dos vossos cavalos, vencem-nos sempre, e eu quero vingar-me em ti.

— Não se trata agora da tua raça nem da minha — replicou-lhe o profeta — só se trata de mim e de ti. Que mal te fiz eu? Porventura não acabo de te fazer um benefício, tornando-te à vida com o calor do meu corpo?

— Apesar disso quero morder-te, para que mais tarde não causes dano nem a meus filhos, nem aos da minha casta.

— Isso, pobre reptil, será uma ingratidão: retribues o mal pelo bem. Ai de ti, que tão mal queres pagar os benefícios que te fazem!

— Quero — gritou então iracunda a víbora — quero e juro-te por Deus grande e poderoso que hei-de morder-te!

Ao ouvir o nome de Allah, o profeta não se atreveu a replicar.

Inclinou a cabeça e disse:

— Que o nome de Allah seja louvado! Sômos de Ele e de Ele temos a vida.

A abriu a mão à víbora para que mordêsse.

E a víbora mordeu a mão sagrada de Mahomet.

Então êste, possuído de viva dor, lançou a víbora para longe de si, e amaldiçoou-a em nome de Allah, porque tinha sido ingrata, e com ela todos aquêles que pagam o bem com o mal, e não são agradecidos aos favores que lhes fazem.

O profeta aplicou, em seguida, os lábios à ferida, sugou com força, e extraíu o veneno que o reptil tinha deixado.

E cuspiu-o sôbre a areia do deserto.

De repente, no sítio onde tinha caído a saliva, nasceu uma planta que rapidamente cresceu e deitou folhas.

Os árabes, que acompanhavam o enviado de Allah, queimaram algumas daquelas folhas como em holocausto ao Deus único, clemente e misericordioso que tinha salvo do veneno o chefe dos crentes; e então receberam o estranho e delicado aroma que as folhas daquela planta exalavam ao queimar-se.

Desde aquêle dia todos os bons muçulmanos fumam as folhas dessa erva maravilhosa e abençoada que Allah faz multiplicar nos oasis, e aspiram o seu perfume com veneração e prazer, porque o seu sabor participa das amarguras do veneno da víbora e da doçura da saliva sagrada do profeta.

III

O tabaco é, desde aquela época remota, a delícia dos hadjies, que fizeram a peregrinação a Meca; dos ulemas, que ensinam a sabedoria no átrio da mesquita de El-azhr, fonte de alegria e luz, e dos filhos da branca tenda que são os reis do deserto.

É também desde aquêle tempo que o crente que recebe doutro muçulmano o sol da hospitalidade à sombra da sua tenda, é obrigado a amá-lo e a deixar-se morrer em defesa dêle, se fôr preciso, porque a maldição do profeta pesa sôbre a cabeça dos ingratos, que não poderão ver a lua clara do paraiso na noite da sua morte.

IV

Esta é a lenda do tabaco, que transmitem de tríbu em tríbu os velhos crentes, através dos séculos e das gerações, para glória de Allah, cujo nome é abençoado.

Só Ele é grande!

V

Hoje, o tabaco tem a maior consagração que poderia imaginar-se. Lábios femininos, os mais formosos lábios que se movem para conjugar o delicioso verbo que o Amor impõe, sugam-no com prazer e fazem subir ao ceu em volutas de fumo ténue como a ilusão o seu enebriante perfume!

É o mais belo holocausto oferecido a Allah clemente e misericordioso!

E no dia feliz da nossa iniciação em que, desprendendo-nos da vida, possamos subir ao Paraíso que o profeta nos revelou, deveremos partir, fumando em acção de graças.

IV

A nossa vida pode ser comparada ao tabaco que queimamos como incenso em louvor de Allah clemente e misericordioso.

Vivemos, amamos e sofremos, queimando-nos a pouco e pouco, ora sorrindo, ora sofrendo, mas sempre os nossos pensamentos, à semelhança do fumo tão ténue como as nossas ilusões, vão subindo, subindo até junto do trono de Deus.

Tem confiança no teu futuro

Só Allah é grande e Mahomet o seu profeta!

VII

Rende, pois, os teus louvores a Allah clemente e misericordioso que te deu tantas coisas belas para que te delicies na tua breve passagem por êste mundo.

Se te deu a dôr, é para que estabeleças o contraste e possas fixar a diferença.

Fumar é orar. O fumo, saíndo dos lábios em espirais tão azuis como o ceu, sobe ao ceu como fervorosa prece.

Fuma, pois, louvado sempre Allah clemente porque só Ele é grande!

Bagdad, Agosto de 1937.

ALI-BEN-MIRZA.

COM que então, tornaste a casar hein?

— E' verdade! com uma irmã da minha defunta...

— Compreendo!... como se pareciam, talvez...

— Não, não!... Não se parecem nada!... São um perfeito contraste!... O que eu fiz foi apenas para não mudar de sogra...

— Ah! sim... é boa senhora?...

— Muito... morreu há vinte anos!

■

O mestre escola: — Qual é o passado de despertar?

— O aluno: — Dormir!

■

— Está bem, meu caro Antunes; se queres um fato barato, vai ao meu alfaiate; mas tens de oferecer-lhe metade do que êle pedir.

O Antunes foi ao alfaiate, que lhe pediu seiscentos escudos pelo fato.

— Dou trezentos.

— Há-de dar os quatrocentos.

— Dou duzentos, nem mais um real.

— O menos são duzentos e cinqüenta.

— Dou cento e vinte e cinco escudos.

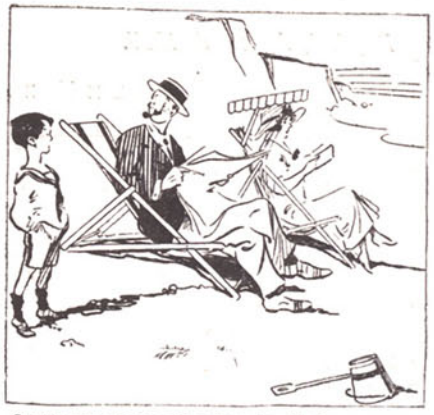
— Prefiro fazer-lhe o fato de graça.

— Nesse caso — concluiu o Antunes — tem de me fazer dois.

■

Um opulento banqueiro, inimigo figadal do *Jazz*, recebe a visita dum sujeito gadelhudo que, lamurientamente, vai implorando:

— É uma subscrição para fazer um



O petiz (com quem a mãi acabava de ralhar): — O paizinho, que rico tempo nós haviamos de passar, a fazer tudo quanto quizessemos, se tu não tivesses casado com a mamã!...

entêrro a um pobre companheiro... um músico... um saxofone...

— Perfeitamente — atalha o capitalista. E... quanto lhe têm dado, em média...

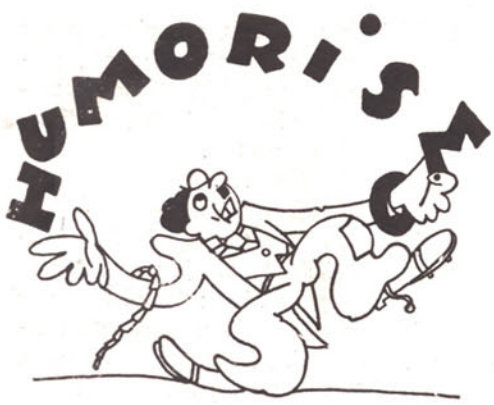
— Pouco mais ou menos cada pessoa tem contribuido com cinco dólares...

— Pois tome lá trinta dólares e... que enterrem seis saxofones!...

■

— Papá!... Diz-me uma coisa!...

— O que é meu filho?



— Tu não gostas lá muito de fazer a barba a ti mesmo, pois não?

— Não! Aborrece-me muito!

— Pois então, podes estar-me agradecido... porque acabo agora de te dar cabo da *Gillette!*

■

Dois noivos arrulham há uma porção de horas. A pomba sem fel, por fim, pregunta:

— Josésinho... não te apetecia dar um passeio ao Campo Grande?

— Esplêndido, minha adorada!... Ficava encantado...

— Pois... por mim não te prendas!...

■

A mulher do romancista — Como podes escrever um romance marítimo, quando há tantos anos não vês o mar?

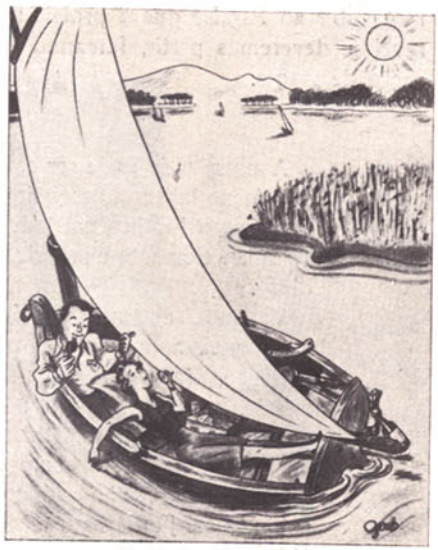
O romancista — Também sou casado há mais de vinte anos, e contudo ainda poderia escrever um romance de amor.

■

— Minha filha, vamos ver a exposição das Belas Artes, mas devo dizer-te que há quadros que não é próprio que tu vejas...

— Quais são, mamã?

— Eu tos mostro em lá chegando...



Êle para a esposa: — Gostavas de ser homem? *Ela:* — Sim. E tu, também?...

— Quantos são os sacramentos?

— Sete, senhor prior.

— Bem. E quantos recebeste já?

— Três, senhor prior; o batismo, a primeira comunhão e a vacina!

■

Block e Cohen, dois judeus de baixa condição, encontram-se no café.

— Ouve lá, Cohen, tens família?

— Não! Sou celibatário e orfão...

— Mas tens irmãos?...

— Não! Nenhum!...

— Então... tens companheiros de quarto?

— Não!... Nenhum!

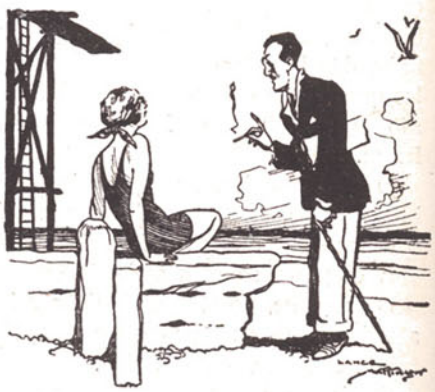
— Então... não sou capaz de adivinhar!

— O quê?

— Quem é que usa as tuas camisas quando elas ainda estão limpas!

■

O sr. Severino vai a casa de pessoas amigas, onde, como de costume, fica para jantar. Nisto, passa o pequeno João, filho



Êle: — Ouça lá, você não é aquela interessante rapariga a quem eu dei um beijo, ontem à noite, na esplanada? *Ela:* — A que horas?

dos donos da casa. O Severino afaga-o, e pregunta-lhe:

— Joãosinho, gostas que eu venha cá jantar?

— Gosto, sim, senhor... porque há sempre um prato a mais!...

■

— Quanto te custou êsse chapéu, ó Margarida?

— Apenas uma canção ao piano, que eu cantei ao meu marido...

— Ah! E de quanto eram as *notas?*

■

A modista: — Minha senhora, é impossível conseguir algum dinheiro do seu marido!

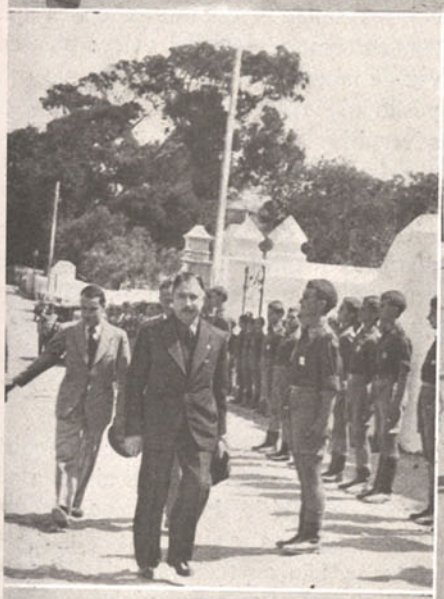
A freguesa — Então pensa que a mim não me acontece o mesmo?

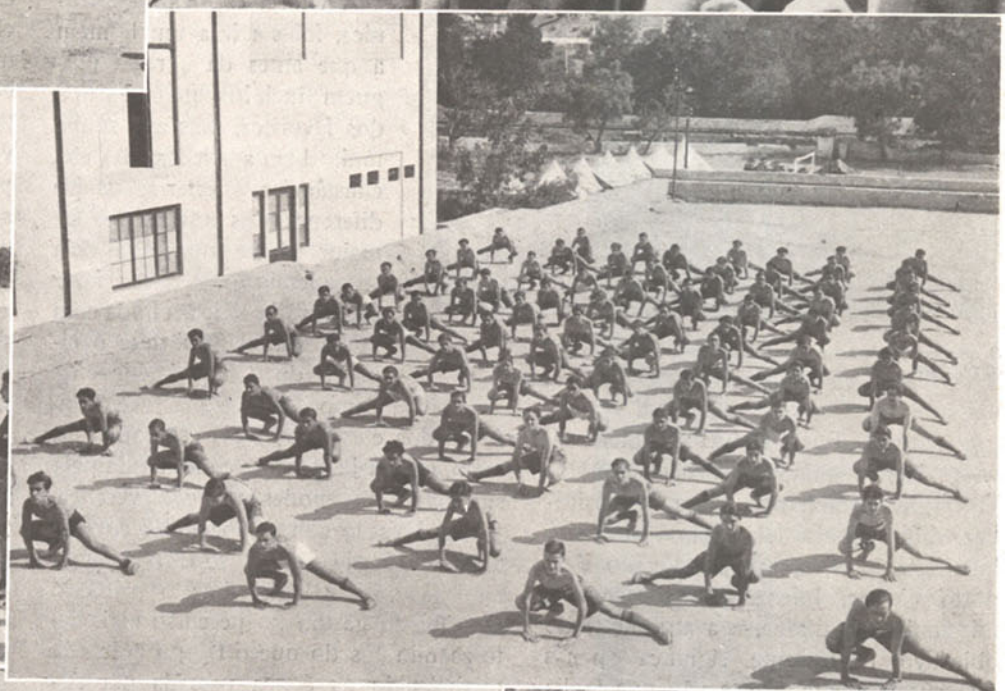
■

— Porque é que dás sempre corda ao relógio antes de te sentares à mesa?

— Porque o médico me recomendou que fizesse exercício antes de comer.

MOCIDADE PORTUGUESA





No Instituto dos Pupilos do Exército, em S. Domingos de Benfica, encontram-se duzentos e trinta rapazes da «Mocidade Portuguesa», vindos do centro e do sul do País, Cursam ali a Escola Central de Graduados, dirigidos pelo comandante geral da organização, sr. tenente Quintino da Costa. Muitos rapazes estão internados no exemplar estabelecimento de ensino. Em turnos de oitenta, todos êles fazem oito dias de vida de acampamento na vasta cêrca do Instituto, onde estão armadas numerosas tendas de lona branca. Esta página dá alguns aspectos dos seus treinos

O atletismo feminino continua progredindo a cada jornada; no último concurso, Irene Pôrto, à direita, e Margarida Salazar Carreira, à esquerda, melhoraram o record nacional do lançamento do dardo

A QUINZENA DESPORTIVA

A corrida Porto-Lisboa em bicicleta, décima quinta em ordem cronológica, trouxe-nos enfim, na insipidez duma época letárgica, a primeira manifestação viva, interessante, do desporto ciclista. Infelizmente parece que foi também a última, e a atribuição do objectivo interessante significa apenas que suscitou interesse, e não que tenha decorrido em moldes de interessar.

Para os acompanhantes foi duma monotomia soporífera, e para o público uma desilusão permanente; o pelotão bastante numeroso dos participantes adoptou durante todo o trajecto uma táctica passiva, cada qual esperando a iniciativa alheia ou reservando para a fase derradeira os propósitos de iniciativa própria.

Em face de semelhante atitude geral a prova resumiu-se a um passeio ciclo-turístico de média elevada, intercortado por curtos períodos de arremedo de combatividade, e um arranco final de meia dúzia de quilómetros que decidiu as classificações.

A vitória caprichosa e irónica, foi sorrir a um homem a que antes da corrida ninguem incluiria no número dos favoritos, mas que soube muito bem aproveitar das circunstâncias e valer-se da indiferença dos adversários de maior classe mas que dela entenderam não dever fazer uso; vitória aliás acolhida com muita simpatia, porque o ciclista do Club Atlético de Campo de Ourique, José Braz, é um dos elementos mais estimados no meio, estima justamente conquistada pela sua correcção, modestia e perseverança.

Considerado sob o aspecto de competição desportiva, o Porto-Lisboa dêste ano não deixou saüdades; o primeiro classificado gastou no percurso mais catorze minutos do que o tempo "récord" estabelecido na época passada por Alfredo Trindade, e a opinião unânime da crítica apontou e verberou a extrema reserva dos corredores participantes. Alguns ataques esboçados bastaram, por vezes, para desmembrar o grupo dos ciclistas, mas os favoritos nessas ocasiões nunca souberam, ou melhor, não quizeram nunca aproveitar o ensejo prosseguindo no esfôrço. Contou-nos alguem que seguiu tôda a corrida como olhos de vêr, que na subida de Santa Clara à saída de Coimbra, um ataque de Martins de Aguiar apenas poude ser acompanhado por quatro competidores, ficando para traz em condições que pareciam irremediáveis alguns dos elementos mais cotados. Dêsses cinco corredores fugitivos três pertenciam ao mesmo club, o club que actualmente possui mais forte equipa, mas cujos resultados durante a época não têm correspondido a tal valor: pois em vez de mutuamente se ajudarem no propósito de distanciar em definitivo os adversários retardatários, reduziram a marcha e dentro em pouco os cinco eram de novo vinte e seis.

Como em desporto o destino não perdôa semelhantes imprudências, aconteceu que, por incidentes vários, os homens que tiveram pendente da sua vontade o destino da prova, vieram a entrar na meta depois dalguns daqueles a quem fizeram o favor de esperar.

Mais do que a passividade comodista dos corredores, admira-nos ainda a ausência de critério dos técnicos e conselheiros que os acompanhavam e por certo se não aperceberam das circunstâncias, entregues como vinham ao melindroso encargo de fornecer o "biberon" aos seus pupilos.

Apezar de disposições regulamentares taxativamente contrárias ao processo do reabastecimento em marcha, os dirigentes da U. V. P. toleraram uma vez mais que automóveis acompanhantes andassem na faina constante de levar a cada minuto água ou comida aos seus corredores. E' claro que, nestas disposições desapareceram os anunciados postos fixos, afinal a única manifestação de progresso na organização da prova.

Fica demonstrado que o ciclista português não abandona os seus processos prehistóricos enquanto não mudar de dirigentes, escolhendo outros guiados pelo modernismo e isentos de preceitos sediços.

■

Os combates de luta livre, quando os adversários aquecem, obriga às vezes os árbitros a intervenções enérgicas

Depois de dez anos de permanência na Europa, a famosa Taça Davis, trofeu que representa de facto o campeonato mundial de ténnis por equipas nacionais, embarcou de novo a caminho dos Estados Unidos, donde tão cedo não voltará.

Após porfiados esforços, os americanos encontraram alfim o jogador de classe excepcional, capaz de conseguir o êxito que nem Tilden nos seus melhores tempos, nem depois dêle o formidável Vines, haviam conseguido.

Êsse atleta, no qual alguns críticos julgam vêr o maior jogador de ténnis de todos os tempos, chama-se Donald Budge e nasceu há 22 anos, de pais modestos, numa cidade da California; alto — mede na craveira 1,m80 —, delgado mas largo de ombros, sôbre os quais assenta uma cabeça extranha de pássaro aureolado de flamantes cabelos ruivos, o novo fenómeno americano não corresponde aos preceitos de beleza estética estabelecidos pela arte, mas conquista todas as simpatias pelo seu inalterável bom humor e pela simplicitade do seu trato.

Budge, obedecendo à lei comum a todos os moços cidadãos dos Estados-Unidos principiou a sua actividade desportiva pela prática do "base-ball", onde certamente teria adquirido classe notória se, por acaso, um dos seus camaradas cultor apaixonado do tennis o não tivesse arrastado consigo para o manejo da "raquette".

Algumas vitórias obtidas em torneios secundários animaram, no entanto, o californiano a prosseguir no treino da sua nova especialidade e em 1933 consagrou um rápido valor ganhando o campeonato nacional de "juniors". Os técnicos, surpreendidos e entusiasmados pela revelação, concedem-lhe prodigamente elogios e auguram-lhe um futuro de grande campeão se o atleta provar em competições mais severas, força moral suficientemente para manter as extraordinárias qualidades físicas que possui.

Esta preciosa aliança verificou-se, ao ponto de poder afirmar-se que Donald Budge é, de todos os "super-campeões" do tennis mundial moderno aquele que manifesta menor impressionabilidade, mais absoluto domínio de nervos, sabendo sempre, até nos momentos mais críticos dispôr de todos os recursos físicos e técnicos.

Escorado no seu apoio de jogador invencivel, — Budge, não perdeu um único encontro durante tôda a época, tendo conseguido a proeza inédita de vencer os três campeonatos de Wimbledon, — a América conservará largo tempo o glorioso trofeu agora conquistado e não se descobrem ainda no horizonte do futuro, os homens que hão-de repetir a façanha dos franceses Lacoste, Cochet e Borotra.

No momento actual a Alemanha é, graças à subida de forma de Henckel e ao valor comprovado de Von Cramm, a nação europeia que dispõe da mais forte representação; na meia-final da Taça Davis perdeu 3-2 com os Estados Unidos e o jôgo decisivo entre Budge e Von Cramm foi levado até vantagem de jogos na quinta partida, mas daqui a supor que possa derrotar para o ano os americanos no seu país vai distância infinita.

A geração de hoje não torna a ver do lado de cá do Atlântico a majestosa "saladeira de prata" oferecida há vinte anos pelo ministro Davis.

■

Esteve em Lisboa com uma companhia de lutadores, o nosso famoso compatriota Al. Pereira, autêntico campeão profissional da Europa de luta livre.

Os espectáculos em que tomou parte foram bastante do agrado do público, a quem a violência, a virilidade dos combates, encantou particularmente por uma questão de temperamento; o povo da capital viu, gostou mas parece-nos que se não convenceu.

A severidade dos golpes, que forçosamente magoam, não permite descuidos aos adversários.

Duas verdades incontestáveis devemos reter destas exibições: a formidável classe de Pereira, cujo título de campeão foi conquistado sem sofismas, e o valor atlético desta forma de lutar só acessível a homens de excepcional vigor e coragem.

SALAZAR CARREIRA.

José Braz, o corredor que venceu êste ano o Pôrto-Lisboa em bicicleta

Ao atravessar Tôrres Vedras os ciclistas vindos do Pôrto a caminho de Lisboa, conservam-se em pelotão compacto, chefiado por Trindade

SINTRA, CASCAIS E COSTA DE CAPARICA

O novo Parque de Sintra e seu majestoso Palácio

O novo Parque de Sintra

É de inteira justiça destacar-se, como incontestàvelmente o merece, o novo e importante melhoramento com que Sintra acaba de valorizar as suas honrosas tradições. O Parque da Pena, Castelo dos Mouros, Capuchos, Monserrate e tantos outros pontos espalhados pela alcantilada serra, tornaram-na, de há muito, o encanto dos estrangeiros e conseqüentemente orgulho de nacionais, dando-lhe a incontestável categoria de uma das mais apreciadas zonas turísticas internacionais.

Faltava, porém, a completá-la, um recinto público, dentro da vila, assim bastante perto, que servisse, não só para os que de fora ali se dirigem em passeio, como para os que lá veraneiam e que são de ano para ano mais numerosos, e que necessitavam de um refúgio onde passar agradàvelmente as horas mais quentes das longas tardes estivais.

Resolveu acertadamente êste problema, do mais alto interêsse local, a Câmara Municipal de Sintra adquirindo uma das melhores quintas, antigo solar de uma aristocratica família, cuidado com todo o esmero, e cujas frondosas árvores seculares constituem um espesso macisso de verdura que os mais ardentes raios do Sol não conseguem atravessar, e que está situada a cem metros da estação do caminho de ferro, fàcilmente acessível, portanto.

Foi aqui que a Câmara Municipal instalou o Parque de Sintra, recentemente inaugurado com a assistência do ilustre Chefe do Estado que felicitou as autoridades municipais pela sua interessante iniciativa. E assim ficou aberto ao público êste seu novo logradouro, de bem traçados arrumamentos, bancos instalados à sombra para onde vão já em grande número de nacionais e estrangeiros lêr os seus livros e jornais, a Esplanada Bar, com as suas mesas e respectivos guardas-sol e em vésperas da instalação de balouços e outros divertimentos infantis.

No pavimento térreo do Palácio dêste Parque e terraços anexos realizou-se já na última semana do mês findo, com o melhor êxito, uma interessante exposição de plantas apresentada pela Companhia Hortícola Portuense.

O pórtico de entrada de Monserrate

Um notável melhoramento em Cascais

A Comissão da Iniciativa e Turismo de Cascais, à qual tôda a zona sob a sua jurisdição deve relevantes serviços, resolveu em 1935, no intuito de melhorar o acesso à Praia da Conceição e embelesar sensivelmente o local, pôr em execução uma série de obras importantes que por completo a transformam, com geral satisfação dos banhistas não só daquela vila como do Monte Estoril cuja praia já quási desapareceu.

De entre essas obras avulta a construção de uma Pergola com latada, excelente logradouro público, e no respectivo vão um edifício moderno e elegante destinado a Restaurante e Bar, cuja falta de há muito se fazia sentir. Foi nêste edifício que, ainda recentemente, após difíceis e custosos trabalhos de instalação, se inaugurou o Reserve de Cascais que, não é já segrêdo para ninguem, representa o mais assinalado êxito dos últimos tempos registados em tôda a Costa do Sol.

Com dois vastos pavimentos, o primeiro onde funciona um Bar-Restaurante e o segundo o Bar-Dancing, mobilados com confôrto, arte e bom gôsto, uma larga e esplendida Esplanada em frente à formosa Baía, onde estão colocadas algumas dezenas de mesas, abrigadas por vistosos guardas-sol, é êste incontestavelmente o local onde mais aprasivelmente se passam as manhãs, as tardes e as noites.

Primoroso o seu serviço de restaurante, almoços, jantares ou chás e refrescos às horas do banho, animadissimas as noites em que se dança ininterruptamente até alta madrugada, deve registar-se que a sua habitual clientela é recrutada nas mais altas classes da nossa Sociedade e mais importantes individualidades das colónias estrangeiras, tanto de residência fixa, como de passagem. O pianista americano Jimmy Campbell, bastante conhecido e apreciado em vários centros cosmopolitas da Europa e da América delicia tôdas as noites a escolhida concorrencia com o seu inexcedível bom humor, e de tal forma que os seus programas têem sido numerosas vezes retransmitidos pela Emissora Nacional.

Quando ao chegar a Cascais, em frente à estação se vir uma fila extensa de automóveis já se sabe que é ali a entrada para o Reserve de Cascais, cuja concessão foi judiciosamente outorgada à firma L. J. Vellez, L.da

A Praia do Sol em Caparica e o seu mais elegante estabelecimento

A Praia do Sol, da Costa da Caparica, vem progredindo dia a dia, de fórma a vêr excedidas as mais optimistas previsões. Bem perto de Lisboa, dispondo de agradáveis meios de transporte, em elegantes, cómodos e rápidos vapores até à Trafaria, completando o trajecto excelentes autocars que em poucos minutos ali nos conduzem, aumenta sensivelmente a sua população fixa, o número e qualidades dos seus banhistas e dos visitantes que ali acorrem em grandes caravanas que chegam a contar, em domingos e feriados, algumas dezenas de milhar de pessôas, acrescendo ainda valorisá-la bastante as próprias condições sanitárias sem igual nas suas congéneres.

De entre os bons estabelecimentos comerciais da Costa da Caparica, destaca-se sensívelmente o mais moderno, recentemente inaugurado, a filial da «Nutritiva», da rua dos Correeiros, 243 que, no comércio lisboeta da sua especialidade, ocupa um posto de excepcional relevo.

Joaquim de Sousa

A sua instalação ali, de linhas modernas e elegantes, ficaria bem nas mais luxuosas praias do País. O seu proprietário, sr. Joaquim de Sousa, comerciante de largas vistas esmerou-se em dotar a Praia do Sol de um indiscutível melhoramento que muito a valorisa.

Nesta nova casa, situada no ponto mais central, encontra o público, com a maior confiança, tôdas a especialidades de charcutaria, queijos nacionais e estrangeiros, manteigas, chás, cafés, águas minerais, vinhos de marca, refrescos, bôlos, bolachas, chocolates e. emfim todos os artigos da sua especialidade. E ainda cá fóra, contornando-a, há para os seus clientes mesas colocadas à sombra dos guardas-sol, onde em comodas cadeiras pódem tomar os seus refrescos, ao mesmo tempo que desfrutam o intenso movimento dêste local, o mais concorrido, ponto de chegada e partida dos autocars das carreiras.

Este novo estabelecimento não é exclusivamente destinado à época de verão pois que sendo já a Costa da Caparica um meio devéras importante os seus constantes progressos exigem o correspondente desenvolvimento comercial, e só assim se explica a construção, que vem sendo realisada, de bons e grandes edifícios que se destinam às necessidades locais.

Fôram estas circunstancias que levaram o sr. Joaquim de Sousa, cujas simpatias pela Praia do Sol, são aqui bem conhecidas, a abalançar-se a êste empreendimento que o tornou crèdor do reconhecimento de todos.

Não será ousado vaticinar à «Nutritiva» da Costa da Caparica um êxito semelhante ao que, com inteira justiça, alcançou a «Nutritiva» de Lisboa

A GLORIFICAÇÃO DO HERÓI DE CHAIMITE

GLORIFICANDO o herói de Chaimite, foi dado o seu nome à praça principal da vila da Batalha, seu torrão natal, sendo inaugurada na casa onde nasceu uma lápida comemorativa. A pedra tem gravada a seguinte legenda: «Nesta casa nasceu a 2 de Novembro de 1855 aquele que veio a ser o grande português Mousinho de Albuquerque, heróico militar e insigne espírito».

Pouco antes da cerimónia — Ao centro: *os companheiros de Mousinho que assistiam à comemoração.* — Em baixo: *um aspecto da Praça Mousinho de Albuquerque durante o descerramento da lápida na Câmara Municipal da Batalha*

O general Amilcar Mota, na sua qualidade de representante do sr. Presidente da República inaugurou a lápida que dá o nome à praça e tem os seguintes dizeres:

«Praça de Mousinho de Albuquerque. O heroi foi baptizado na igreja do Mosteiro desta vila».

Esta homenagem a que milhares de pessoas assistiram, teve a virtude de, não só reünir num sentimento patriótico, mas fazer vibrar a alma da Nação inteira.

Mousinho de Albuquerque não é só o herói glorioso, é um símbolo augusto que devemos ter sempre, e hoje mais do que nunca, no nosso espírito.

PÁGINAS FEMININAS

Há na vida social uma questão, que por enquanto no nosso país não assumiu o grave aspecto que nalguns já tem: a questão das criadas.

Países há por êsse mundo fóra, onde ter uma criada representa quási um atestado de fortuna. Os salários para as criadas são elevadíssimos e as suas exigências atingem as raias do inverosímil.

Entre nós ainda assim não é, e não são raras as casas onde encontramos criadas de sempre, que são quási pessôas de família pelo efecto e mais do que família pela dedicação.

E se nas nossas cidades ainda há criados dêsses, pela província fóra são inúmeros êsses casos. As nossas criadas não são de grandes exigências e a prova é que muitas vezes se contentam com quartos que são absolutamente inhabitáveis e que a maior parte das vezes não têm as comodidades necessárias.

No entanto, quando há uma reunião de senhoras é raro, que se não juntem um côro de queixas das criadas, e, que todos os seus defeitos não sejam apontados, omitindo as suas qualidades, qualidades que tôda a gente tem, como também não há ninguem que não tenha defeitos.

É caso para preguntar se como patrôas essas senhoras terão tôdas as perfeições, porque é preciso não esquecermos que as criadas precisam de ser dirigidas com inteligência e tratadas com caridade.

Elas sofrem em geral do reflexo do nosso mau humôr e muitas vezes do nosso mau estado de saúde. Se ser criada é muito difícil, ser patrôa também exige certas qualidades, que antes de falarmos mal delas, devemos examinarmo-nos para saber se as possuimos.

Muita caridade cristã e vêr nelas irmãs que estão debaixo do nosso domínio, a quem devemos dirigir e a quem não devemos exigir mais do que as suas fôrças dão.

Um espírito de justiça, que nos faça reconhecer as qualidades que têm e não procurar só os defeitos, defeitos que devemos procurar modificar, quando disso sejam susceptiveis.

E sobretudo ter a arte de dirigir que é muito difícil e nem tôdas têem. Tratar bem as criadas não é dar-lhes demasiada confiança nem pô-las em pé de igualdade, mas sim ter uns modos correctos com elas e mostrar-lhes o nosso desagrado, duma maneira, que lhes faça vêr, que deve existir o respeito mutuo graduado, de criada para patrôa e de patrôa para criada.

Há muitas senhoras, que imaginam, que ser bôas para as criadas, é dar-lhe muitas liberdades, entradas e saídas de noite, dizendo, «eu exijo dentro de casa seriedade, fóra de casa façam o que quizerem». É um êrro e uma má compreensão dos seus deveres.

Em geral as criadas da cidade, são raparigas novas, que vêem da província, dum meio completamente diferente e que se vêem rodeadas de gente desconhecida, as companheiras nem sempre duma irrepreensível honestidade, e à patrôa compete vigiá-las e aconselhá-las evitando que tenham ocasião de cair em armadilhas perigosas, que podem tornar a sua vida uma verdadeira desgraça.

Porque nós somos responsaveis por aquêles que vivem debaixo do nosso tecto, até certo ponto, e, temos que as aconselhar e dirigir. Moralmente cabe-nos evitar que essas pobres raparigas que chegam da província ignorantes e ingénuas sejam pervertidas na voragem da cidade.

Uma das maiores calamidades são nas grandes os quartos no sotão, onde as criadas de todo um prédio vivem numa promiscuidade, que em geral dá os mais desgraçados resultados, tornam-se indisciplinados, repontando à mais pequena observação, porque são mal aconselhados e para a sua vida particular e íntima, essa forçada convivência é um perigo moral.

A dona de casa, que sabe corresponder aos deveres que lhe incumbem deve ter sempre um quarto rasoavel para a criada, debaixo do mesmo teto e de forma que exerça sôbre ela a necessária vigilancia, sem que para isso tenha de a vexar. Outra coisa em que deve haver atenção é na fórma como as crianças, quando as há, tratam as criadas.

Nada mais feio e que piór noção dê da educação das crianças e da dos pais, do que vêr crianças tratarem com maus modos as criadas, com remeços ou más palavras e já tenho visto algumas, levantarem para as criadas a mão e chegarem mesmo a bater-lhes sem que os pais intervenham com a correcção que tais actos impõe.

É preciso que os pais a quem o excesso de amor aos filhos, tira a energia de dar educação se convençam, que o tempo da escravatura acabou e que os criados não são escravos.

Se criticamos a arrogancia de certas criadas a quem erroneas e mal comprendidas teorias, dão uma falta de educação muito censuravel e para deplorar, não esqueçamos de incutir às crianças desde a mais tenra idade o respeito por aquêles que os servem, cumprindo um dever, que não só com dinheiro se paga.

É preciso saber ser servido para o ser como desejamos. Portanto não é só falar mal das criadas, é preciso saber dirigi-las, orientá-las, corrigir-lhes os defeitos, e, apreciar-lhes as qualidades e quando elas absolutamente não sereem, substituí-las.

Mas fazer das suas faltas e êrros um assunto de conversa é que é muito mau sistema. Nada se ganha nem se modifica e é um mau exemplo para elas, que aprendem assim a falar mal dos patrões. E como ninguem é perfeito não lhes faltaria que dizer.

Não agravar, pois uma questão, que nalguns países é já uma questão social, demos graças a Deus das criadas que ainda temos, e tratemos pela educação mutua, e, pelo respeito de parte a parte, de conservar êste estado de coisas, que ainda não é mau, comparado com o que vai por êsse mundo e nunca devemos esquecer, que os bons patrões fazem os bons criados, porque os de cima são sempre os responsáveis.

MARIA DE EÇA.

A moda

SETEMBRO mês das praias e das elegâncias de Casino traz nos a obrigação das «toilettes» de tarde, que êste ano são elegantíssimas.

Paris lançou êste ano os vestidos até ao chão para a tarde, em oposição aos vestidos muito curtos para de manhã e para os desportos. Tudo são contrastes na moda e tudo tende para tornar a mulher mais bela e mais elegante.

É como êsse desejo é sempre satisfeito nesses contrastes e nessas diferenças, só temos que nos mostrar satisfeitos e gratas aos creadores da moda, que nos embelezam e rdonam, fazendo da mulher um ornamento da sociedade e um encanto para os olhos.

Tôdas as novidades tendem para tornar a mulher mais bela e mais elegante, dando-lhe um pouco de majestade ao porte, majestade que as modas dos últimos anos lhes tinha retirado e que faz falta a certas silhuetas pequeníssimas que a reclamam.

Agora estão tôdas satisfeitas, as que gostam de vestidos acriançados, têm o seu desejo satisfeito nos vestidos de manhã, as que preferem os vestidos majestosos conseguem o seu desejo nos vestidos de tarde.

Começaremos a apresentação das modas da quinzena, a pedido, por um vestido de noiva.

E' bem natural o interêsse das meninas que estão noivas por esta «toilette» do mais solene dia da sua vida, daquele em que verdadeiramente atraem tôdas as atenções e em que mais radiante se deve mostrar a sua beleza.

Temos pois um elegantíssimo modelo de vestido, criação especial para uma das mais lindas noivas da melhor sociedade de Londres.

O vestido é em setim branco marfim, o tecido que melhor veste uma noiva, porque lhe dá aquele brilho que se reflete nos olhos. O corpo admirâvelmente trabalhado, assim como as elegantíssimas mangas é completado por uma saia da maior simplicidade.

A cauda majestosíssima é feita em tiras de «lamé» de prata e tiras de «georgette» franzido que faz um «bouillormé» do melhor efeito. O véu posto com a maior simplidade modela a cabeça e é seguro por uma corôa de gardénias brancas, muito graciosa e original, sapatos em «lamé» branco e prata, o ramo em rosas brancas e gardénias. Toilette de grande suntuosidade aliando simplicidode, e, que embezará uma noiva alta de cabelos escuros e formosos olhos claros.

Para cerimónia e para a tarde apresentamos duas lindas «toilettes», uma em «organdi» branco bordado do mais fino gôsto, tendo por cima um elegantíssimo casaco em seda «taffetas poult» preto. As mangas duma elegância farta acentuam a cintura que o casaco marca, bem no seu lugar.

Chapéu «breton» em palha branca guarnecido a preto, sapatos pretos e luvas altas em «suède» branco.

Ao lado vestido em «crêpe» branco com riscas verde amêndoa. Casaquinho bolero em seda grossa verde amêndoa. Mangas duma grande elegância. Chapéu em palha doirada guarnecido com uma corôa de campainhas em veludo. Sombrinha em gaze verde amêndoa, luvas brancas e sapatos brancos.

Duas toilettes de alta elegância e grande distinção para Casino, «Garden parky» corridas de cavalos e outras distracções que exigem «toilette». Há muitas elegantes que adoptaram êste ano o chapéu para a noite nos casinos. Damos uma toilette vista no Casino de Vichy.

Vestido em setim «imprime» fundo preto e grandes flores em tons alaranjados. Duma grande simplicidade de corte, pequeno decote e sem mangas, uma pequena capa presa nos pulsos em veludo preto, chapéu em setim preto guarnecido por uma linda «crasse d'aigrettes», guarnição que passados tantos anos volta a estar em moda e é sempre de grande elegância e luxo.

Para simples, lindo vestido em seda grossa branca. Muito simples fecha com botões de madeira envernizada e é guarnecido com fios tirados, por cima, pequena jaqueta em tela «cirée» fundo créme e flores vivas de vários tons, na cabeça um gracioso e pequeno chapelinho feito por fitas entrançadas que completa admiràvelmente esta simples «toilette», que tornará graciosa qualquer menina de vinte anos e se adapta a variados usos, podendo ser usada para desporto ou simples «matinée»

A cerimónia do casamento

UM dos mais graves actos da vida humana é o casamento. Um dos mais solenes Sacramentos da Igreja; representa a união de dois seres para a fundação duma família e a família é uma das principais colunas do momento social. E' pois bem natural que os noivos e as suas famílias queiram festejar com solenidade o dia do seu casamento.

Muitas pessoas preguntam qual deve ser a organização do cortejo nupcial quando da cerimónia da igreja que para os católicos é sem dúvida a mais importante, embora se deva respeitar a cerimónia civil que é um acto oficial, que para os noivos, que podem fazer festa se realiza quási semre em casa dos pais da noiva.

A composição do cortejo deve ser a seguinte: a noiva abre o cortejo dando o braço ao pai e na falta dêste ao tutor ou parente de maior respeito, segue-o o noivo que dá o braço à mãi, ou na falta desta à pessoa de maior respeito da família, em seguida o pai do noivo dando o braço à mãi da noiva, em seguida as «demoiselles d'honneur» duas a duas, estas são em geral as irmãs e amigas íntimas da noiva. Depois as avós das noivas se ainda as tiverem e os réstantes convidados dando os homens os braços às senhoras.

Durante a cerimónia as senhoras devem colocar-se ao lado do Evangelho e os homens do lado da Epístola. A noiva deve levar como caudatárias duas crianças da família se as há e uma dessas crianças deve apresentar a bandeja com as alianças, sendo meninas devem ir vestidas como as «demoiselles de honneur».

Em seguida à cerimónia os noivos passam à sacristia onde os convidados e os amigos que que estão na igreja lhes apresentam os seus cumprimentos e felicitações.

Forma-se de novo o cortejo que acompanha a noiva ao altar de Nossa Senhora onde ela oferece o ramo que leva.

A' saída os noivos dão o braço e o pai da noiva conduz a mãi do noivo.

O «lunch» segue-se à cerimónia e há muitas pessoas que costumam dar em seguida uma «matinée» dansante, mas não é muito agradável para os noivos que em geral desejam partir.

Em Itália há sempre dansa depois do «lunch» e a noiva deve dansar com todos os convidados. Entre nós não há êsse hábito e sendo uma cerimónia tão séria embora muito alegre, é mais elegante não haver dansa e os convidados serão mais discretos não se demorando demasiadamente. Os noivos em geral mudam de toilette e partem antes dos convidados.

Coisas que se devem saber

NESTA época do ano e nas praias, é muito frequênte as crianças que apanham sol, deitar sangue pelo nariz. E' uma predisposição para a hemofilia e deve atacar-se com compressas de algodão embebidas em água oxigenada.

Repetindo-se a miudo esta sangria, deve consultar-se o médico e fazer um tratamento adequado, porque a hemofilia é uma doença grave, que em geral se modifica pelos vinte anos.

Se a hemorragia pelo nariz é muito abundante é bom fazer compressas de percloreto de ferro, e recomenda-se o ar do campo e um repouso absoluto.

A's crianças, que têm esta tendência evita-se tirar dentes, desencravar unhas, porque pode haver um acidente grave.

Conhecem-se os hemofílicos pela dificuldade de coagular o sangue e deve fazer-se exame ao sangue. Se coagular dentro de seis a oito minutos é um sangue normal, o sangue dos hemofílicos só coagula passados uma a três horas.

Todo o cuidado é pouco com a saúde das crianças e ás mães compete vigiar todos estes pequenos incidentes, que parecem insignificantes mas que podem ter graves conseqüências.

Higiene e beleza

COM as vilegiaturas as viagens de automóvel, as manhãs de praia ao sol começam as queixas do mau estado da pele, das irritações da cutis, das borbulhagens e de todos os pequenos males sem importância, mas que incomodam a mulher cuidadosa da sua beleza.

O meio de evitar esses pequenos males é bem simples. Depois da viagem, ou ao chegar da praia, aplicar a mascara de leite, que se faz da seguinte maneira e que é um dos meios mais eficazes para conservar a beleza da pele:

Cozer duas colheradas de farinha de aveia em leite, até fazer uma papa muito grossa. Juntar-lhe duas colheres das pequenas de café, de água de rosas.

Estender esta papa sôbre a cara e o pescoço deixando ficar uma camada bastante espessa que se cobre dum gaze para a manter e que se deixa ficar durante uma hora. Em seguida lava-se a cara com água morna e aplica-se leite de amêndoas que amacia muito a pele.

O leite de amêndoas é tambem muito recomendado para as mãos que amacia e branqueia.

Receitas de cozinha

Pepinos recheados: Entre nós o pepino é usado crú e em saladas o que o torna bastante indigesto, em França usa-se cosinhado e de várias formas. Além de gostoso torna-se inocente e o mais delicado estomago o pode diferir. Eis uma das receitas:

Descascam-se os pepinos cortam-se-lhe as extremidades perpendicularmente ao eixo maior dêles, dividem se em três ou quatro pedaços por côrtes iguais; a cada um dos pedaços tira-se a parte central onde estão as pevides, ficando como que uns canudos curtos.

Estes canudos metem-se em água a ferver, por pouco tempo, até ficarem macios, depois tiram-se e recheiam-se com um picado de carne de boi, de vitela, de galinha ou misto, atacando-as muito bem.

Em seguida com uma faca de cortar carne, dividem-se em discos da espessura de quatro a cinco milímetros, que se vão colocando sôbre o fundo chato duma fregideira, bem untada de manteiga, separando-os uns dos outros.

Colocados assim deita-se lhes por cima um pouco de molho de estufado, polvilham-se com queijo parmefão ralado e levam-se ao forno a corar.

Depois de corados servem-se com o môlho que foram cosinhados. E' um prato ótimo e de fácil digestão.

De mulher para mulher

Provinciana: Uma nova correspondente é acolhida como uma nova amiga. Não deve desculpar-se, pois que é sempre um prazer ser útil ás nossas leitoras. Aconselho o Curso Superior de Letras, que tem muitas vantagens e dá acesso ao professorado dos Liceus. E para si tem a vantagem de o poder fazer em Coimbra, que é tão próximo da sua terra.

«As «chandailles» de lã usam-se sempre.

Violeta: Tem razão e evite por todos os meios que a sua amiga saia de casa. Uma mulher que tem filhos não tem o direito de os abandonar nem tão pouco de os privar do carinho do pai. Só em casos gravissimos, que não são, como muito bem diz os dêste caso.

Para a praia usam-se uns enormes chapeus de palha que livram a cabeça do sol.

Marieta: Deixe a pequenita fazer desporto, só pode ser-lhe útil e não vejo a razão porque a hade impedir. Para a saúde é tudo o que há de melhor e para a desenvolver é muito preciso.

Adquirirá decisão rápida, aprende a defender-se dos perigos e só utilidade pode ter com essa prática. Já lá vai o tempo dos pintainhos debaixo da aza da galinha.

Alda: — Nas praias do Norte há sempre manhãs de nevoeiro muito frescas, por isso não deixe de levar abafor. As malhas de lã de côres vistosas, estão indicadíssimas. A nossa costa tem um clima muito desigual. Deixe as pequenas à vontade na praia e vigie-as de longe, sem lhes tolher a liberdade. Isso é um estado doentio de nervos e se vamos a pensar assim não estamos nunca em sossego. O perigo está em tôda a parte.

Desolada: — Não tem razão para se desolar. Isso é uma infantilidade que os seus anos não permitem. Tudo o que é natural, deve ser aceite com naturalidade, e, envelhecer é tudo o que há de mais natural. Mas quarenta anos não é ainda a velhice, e há senhoras dessa idade que estão frescas e bonitas como raparigas de vinte anos. O que é preciso é convencer-se de que não é criança, não exagerar a «maquillage» que acentua os pequenos estragos do tempo e sobretudo não querer ser menina à fôrça.

PRAIAS E BANHOS DO SOL

Desde Agosto que as praias da Europa regorgitam de gente, que se banha e que numa completa comunhão com a natureza reconstitui a saúde, que as preocupações da hora presente e a vida esgotante das cidades, abalára.

Uma excepção na Europa a pobre Espanha retalhada e ensangüentada por tão dolorosa luta, vê as suas praias tão belas e tão elegantes povoadas quási apenas por feridos e mutilados. A alegria do sol e das doiradas areias das praias espanholas é ensombrada pela presença dos que destroçados pela maldade humana, sofrem maldade que entristece a mais vibrante alegria da Natureza.

Setembro é entre nós e em todos os países que o Sol deslumbrantemente aquece, o mês das praias, o mês em que as manhãs são mais suaves à beira do Atlântico sôbre a fofa e linda areia que o mar beija numa orla de espuma.

E' talvez o mês em que mais suaves as noites de luar convidam a contemplar o mar que a lua prateia em cintilações de sonho, é o mês em que as primeiras neblinas envolvem como que numa doce gaze, a beleza ardente das rochas que o vento e o mar avermelham.

E' também o mês dos gloriosos pôr do sol. Chamas ardentes iluminam o horizonte, o poente é um resplandescente brazeiro e o disco vermelho some-se no mar, numa magestosa lentidão.

Na tarde seguinte é uma atmosfera lilás, onde o mais violento roxo marca o ponto em que entre as mais formosas côres do lírio, o sol desaparece. Nuvens acasteladas com orlas côr de laranja marcam a sua grandiosa beleza numa outra tarde, cidades fantásticas surgem da água, catedrais e palácios, dum país de fadas desconhecido e efémero, que desaparece com as primeiras sombras da noite.

Praias de Portugal, as mais lindas praias do mundo, onde mais belo é o espectáculo da Natureza em festa, sob um sol ardente ou mais melancólico o ambiente, quando a névoa as envolve nos seus véus de rosados tons ou de violáceas côres.

A nossa longa costa pode gabar se de possuir praias duma incomparável beleza, praias singelas, agrestes mesmo, cujo único ornamento são as rochas alterosas contra as quais o mar bate irado e brutal nuns dias, manso e doce noutros, como que pedindo perdão da sua brutalidade, perdão que implora em doces e suaves carícias, e, praias que a civilização alindou tornando-as rivais das formosas e conhecidas praias de todo o mundo.

Se são lindas as praias italianas, as nossas não lhe ficam atrás em esplendor de sol, em maciezas de areia, em luminosidade e beleza.

E sôbre o Atlântico debruçam-se num luxo de cenário as elegâncias do mundo inteiro em «Le Zanquet» e em Deauville, jardim de maravilhosas flores e encandoras casas.

Hassegar com os seus pinhais na ria lindíssima e Cap Breton com a sua extensíssima praia de areia fina e bela, Biarritz a cidade que nasceu do capricho duma imperatriz, mas se tôdas essas praias são tão belas, são elegantes, são adornadas como se adorna uma mulher «esquette» e que quer dar nas vistas, as nossas lindas praias tão simples algumas, não receiam o confronto, porque têm a beleza singela, mas segura, e têm o sol criador, rei das praias e indispensável para que seja benéfica uma cura de praia.

O sol que todos procuram para os banhos de sol e que fazem com que se cubram nesta época as praias de tôda a parte de corpos estendidos num «dulce far niente», ocupados apenas em se voltar como as sardinhas na grelha, na ânsia justa de armazenar saúde para o duro inverno, que tanto cansa com a sua vida agitada e má atmosfera de aquecimentos e salas fechadas.

Os banhos de sol que tomados com cuidado e com regularidade são uma fonte de saúde e bem estar.

Houve um abuso excessivo de banhos de sol e de nudez na praia, que nem a todos fazia bem, mas êste ano nota-se uma grande modificação, que muito se faz notar principalmente na maneira como as senhoras se apresentam êste ano nas praias.

A moda aconselhada pelos mestres da ciência encaminhou a mulher numa nova orientação. O «maillot» triunfo da mulher escultural, mas desespêro da que não possuia a requintada perfeição está hoje nas praias elegantes sendo usado apenas para a natação e sôbre as areias vermelhas, prateadas ou douradas, que a moda decretou «chics» as mulheres ostentam as «shorts», êsses graciosos vestidinhos curtos em «cretonnes» floridos, cobertos por um longo roupão, que por seu corte elegante se parecem imensamente com os casacos, que nos casinos vestem os seus belos corpos bronzeados pelo sol.

Mais alegres, mais garridos e menos comprometedores para qualquer imperfeição plástica, foram entusiàsticamente adoptadas, com grande regosijo, dos moralistas que nada têm que dizer aos actuais trajos que ornam e embelezam as praias.

Voltando a estas e aos banhos de sol diremos, que em parte nenhuma os seus apaixonados podem encontrar um melhor meio para os tomar do que sôbre as lindas areias de Portugal.

As finas areias das nossas praias oferecem aos corpos o mais fofo colchão, o sol que a brisa marítima atenua, doura e cura os enfermos, e dá mais saúde aos sãos. As elegantes encontrarão nessa atmosfera de luz e suavidade, um melhor fundo para fazer sobressair a elegância dos seus «sohots e o garrido das suas côres.

Em Portugal temos praias para todos os gostos e para todos os organismos. As pessoas fracas que precisam dum ar são mas não excessivamente forte têm nas praias do Estoril além dum ambiente elegantíssimo, um meio de fazer a sua cura de ar e de sol sem fatigar o organismo.

Nas praias de Setubal, Albarquel e Portinho da Arrábida a mais suave temperatura que a água dum transparente azul torna tentadoras.

No Algarve há as mais deliciosas praias como Monte Gordo e Praia da Rocha. Do Cabo da Roca para cima temos as praias fortes para os amadores dum mar violento, de rochas áridas e de sol. A praia das Maçãs, Ericeira, Santa Cruz e para os amadores de praias suaves a linda concha de S. Martinho do Porto, Nazaré, Balcal, Peniche.

Para cima as praias fortíssimas de Espinho e Granja duma elegância muito sua e muito apreciada.

Do Porto para o Norte as praias que retemperam os nortenhos, praias duras para organismos fortes.

A Foz com o seu civilizadíssimo aspecto que faz lembrar as mais tratadas praias do estrangeiro. Evoca-nos San Sebastian com o confôrto das suas instalações balneares.

Vila do Conde e Povoa do Varzim com o seu mar de elevadas ondas com as suas nevoas vindas do norte, com as suas dunas belíssimas.

Espozende a linda praia, a praia do labedelo de Viana do Castelo, frequentada pela população da cidade, uma das mais extensas praias, que pela sua belesa e extensão lenbra a Costa de Caparica.

Ancora e Moledo, praias elegantes e bem freqüentadas e quantas outras pequenas praias, umas, e, grandes outras, mas desconhecidas, tornam o nosso país nesta época do ano o sonho dourado dos apaixonados das praias e dos banhos de sol.

Que fonte de receita não seria para o país esta maravilhosa situação nesta época do ano em que todos procuram praias e banhos de sol?

Maria de Eça.

ACTUALIDADES DA QUINZENA

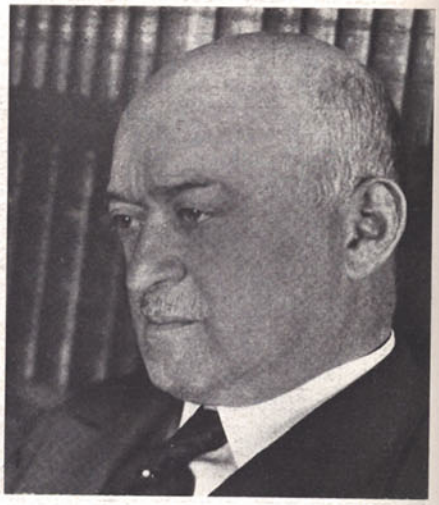
Foi organizada uma Federação Municipal para promover a electrificação total da maior parte do distrito de Lisboa. A gravura acima apresenta os delegados municipais à Federação com o presidente da Junta de Província da Extremadura. Esta Federação foi especialmente organizada e delineada para reünir os municípios interessados na unificação da rêde electrica, uns porque a que têm é deficiente, outros porque pagam a energia por preços que consideram elevados, e outros ainda porque a não possuem

Vai ser construido nos Olivais um novo matadouro municipal que vem constituir mais um importante melhoramento citadino. A gravura representa o Chefe do Estado com os membros do govêrno e outras entidades visitando o local onde as obras prosseguem afanosamente. — A' direita: O agente da Pan Americana com o major Carlos Beja e os tripulantes do hidro-avião «Clipper III» chegado ao Tejo em viagem de estudo da carreira comercial Nova York-Lisboa

Grupo tirado no regimento de Sapadores de Caminhos de Ferro por ocasião da homenagem prestada ao seu comandante sr. coronel Cordovil Vaz Coelho. — A' direita: «Miss Costa Verde» ladeada pelas «Flores de Espinho» eleitas na formosa praia do Norte, após uma festa cheia de animação e encanto

FIGURAS E FACTOS

UM dos acontecimentos teatrais da última quinzena foi o casamento da actriz Maria Paula com o actor Estevão Amarante facto naturalíssimo, é certo, mas que teve grande retumbância em todo o país. Isto se explica pelas grandes simpatias que os ilustres artistas disfrutam em tôdas as plateias portuguesas e pelo grau de popularidade que obtiveram. Dêste casamento surgirão, temos a certeza, novos triunfos, como a gloriosa carreira de Amarante, garantem e a recente esperançosa estreia de Maria Paula nos afirma. Na corbelha dos noivos, o público soube colocar as valiosas prendas dos seus mais entusiásticos aplausos



O prof. dr. Salomão Shoeken, director da Biblioteca da Universidade de Jerusalem, professor de literatura comparada e grande amigo de Portugal. O dr. Shoeken é um dos primeiro dirigentes do sionismo e do Estado Judaico em formação na Palestina. A sua obra literária é o mais eloqüente documento do seu altíssimo valor

O vice-almirante Moreira de Sá merecia desde há muito uma homenagem que perdurasse. Realizou-a o ilustre escritor Eduardo de Noronha que, numa elegante *plaquette*, focou os seis factos principais da vida desse glorioso marinheiro cuja carreira foi cristal de límpida transparência

JOSÉ DE ESAGUY o moço escritor que há tempo se embrenhou nas paragens marroquinas a bem da Pátria Portuguesa, não descansa um momento na sua árdua missão. Após a obra monumental «Marrocos» que ainda há pouco depôs no primeiro degrau do altar da Pátria, apresenta-nos um completo vocabulario da língua árabe que será indispensável, não só aos turistas, mas aos eruditos. Da sua obra valiosa muito ficará para auxilio dos vindouros que à história marroquina queiram dedicar-se. Se, noutros tempos, era uso levantar padrões em pedra tosca, hoje, com o mesmo fim, fazem-se livros preciosos

MORREU o escritor dr. Mário de Artagão, autor de tantas obras belas que fôram outros tantos êxitos literários. A sua morte foi imensamente sentida tanto em Portugal como no Brasil. Pode mesmo dizer-se que a sua falta deixa uma lacuna difícil de preencher

NO Hotel Avenida Palace, realizou-se um banquete de homenagem ao dr. Rafael Fernandes de Regueiros Seruya, que foi presidido pelo antigo ministro da Guerra, Passos e Sousa, ladeado pelos srs. Encarregado dos Negócios da França e conde de Sése, adido comercial da França. O homenageado tinha à sua direita o Rev. Monsenhor Duarte e à sua esquerda o sr. Marquês de Alvito, vendo-se noutros lugares os padres Costa Pinto e José Lopes, mr. Adeaume, vice-presidente da Câmara do Comércio Francesa; Domingos Garcia, representando a Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa; mr. Neuvy, João Gomes Martins, dr. Rogério de Miranda, R. Decreuse, Elias Rodrigues, Vaz Monteiro, José Simões, etc.

VIDA ELEGANTE

Casamento da sr.ª D. Zélia Mira com o sr. Américo Rodrigues

Festas elegantes

Na segunda quinzena do corrente mês de setembro, realizar-se-á no salão do restaurant do Casino Estoril, a festa anual, levada a efeito pelos cronistas mundanos e nossos colegas de trabalho Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, cujo programa está sendo elaborado com verdadeiro critério artístico, e decerto atrairá ao Casino Estoril, como nos anos anteriores uma enorme e selecta concorrência. No próximo número daremos mais pormenores sôbre esta elegante festa.

Casamentos

Realizou-se no passado dia 29 de Julho o enlace matrimonial da sr.ª D. Zelia Mira, gentil filha da sr.ª D. Maria de Oliveira Mira e do sr. Manuel Mira, sócio da importante firma corticeira Rodrigues & Mira, Ld.ª, com o sr. Américo Rodrigues, filho da sr.ª D. Henriqueta Marques Rodrigues e do sr. José António Rodrigues, também sócio da firma Rodrigues & Mira, Ld.ª.

Paraninfaram o acto civil e religioso os importantes industriais corticeiros srs. José da Silva Barreira e Carlos R. Fernandes e suas respectivas esposas.

Depois do acto religioso foi servido um fino copo de água, que se realizou no salão nobre do Grémio Alentejano, á selecta e numerosa assistência, entre a qual se viam importantes industriais do nosso meio corticeiro.

O copo de água foi abrilhantado pela orquestra do Rádio Clube Português.

O conhecido maestro René Bohet fez-se também ouvir nalguns seleccionados números do seu vasto repertório.

Aos brindes usaram da palavra os srs. António Maria da Rocha, H. Casademont, e H. Hauser que enalteceram as qualidades dos noivos e finalmente o sr. Manuel Mira, e o noivo, agradecendo.

Findo o copo de água realizou-se um animado baile que se prolongou até cêrca da meia-noite.

Na «corbeille» via-se grande número de lindas e valiosas prendas.

— Presidido pelo reverendo Moreira das Neves, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paroquial de S. Jorge em Arroios, o casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Pinto Lopes, gentil filha da sr.ª D. Beatriz dos Santos Pinto Lopes e do sr. João Verissimo Pinto Lopes, com o sr. Horácio Castro Guimarãis, filho da sr.ª D. Lucinda Teixeira Castro Guimarãis e do sr. dr. Castro Guimarãis, tendo servido de madrinhas as sr.ªs D. Beatriz Pinto Lopes, D. Rosa das Neves Rosas e D. Dalila Braga, e de padrinhos os srs. dr. Cunha Leão, Leonardo Rosas e dr. Guilherme de Barros e Vasconcelos.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da mãi da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos, a-quêm fôram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o Luzo, onde fôram passar a lua de mel, seguindo dali para o estrangeiro.

— Em Tomar, na capela da Quinta de Nossa Senhora de Lourdes, em Avessadas, celebrou se o casamento da notável pintora sr.ª D. Maria de Lourdes de Melo e Castro Esteves de Brito, interessante filha da sr.ª D. Maria Campeão de Melo e Castro Esteves de Brito, já falecida e do sr. Diniz de Melo e Castro Esteves de Brito, com o distincto clinico na capital, sr. dr. Guilherme Pinto Rodrigues da Costa, (Alvelos), filho da sr.ª viscondessa de Alvelos e do saudoso visconde do mesmo título, servindo de madrinhas a senhora de Salter Cid e a mãi do noivo e de padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo sr. dr. José Pinto Rodrigues da Costa (Alvelos). Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimónia foi servindo no salão de meza do palacete da Quinta de Nossa Senhora de Lourdes, residência do pai da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos a-quêm fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na freguezia da Penha, Mondim de Basto, o casamento da sr.ª D. Ana Augusta Pereira da Cunha, gentil sobrinha do falecido sr. conselheiro Pereira da Cunha, com o sr. Eduardo Pinheiro, Torres, sobrinho do sr. dr. Alberto Pinheiro Torres, tendo servido de madrinhas as sr.ªs D. Maria Inácia Machado e Moura, mãi da noiva e D. Maria da Conceição de Abreu Pinheiro Torres, mãi do noivo e de padrinhos os srs. Joaquim Machado Pereira da Cunha, irmão da noiva e dr. António Pinheiro Torres, irmão do noivo, presidindo ao acto o reverendo Domingos Pires Bouça, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos a-quêm fôram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.ª Marqueza de Mira Flores, sendo assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Pedro da Cunha (Olhão). Mãi e filho estão de perfeita saúde.

— No Porto teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Elvira Freitas da Cunha Teixeira, espôsa do sr. José da Cunha Teixeira. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

— Assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Pedro da Cunha, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Lúcia Leone Pereira Gago da Silva, esposa do sr. Artur Gago da Silva, distinto clínico em Setubal. Mãi e filho estão de perfeita saúde.

— A sr.ª D. Corbélia Ermelinda Guimarães Carneiro Santos espôsa do sr. Joaquim Vieira Deniz dos Santos, teve no Porto, o seu bom sucesso. Mãe e filho encontram-se bem de saúde

— No Hospital de S. Luís Rei de França, teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Ana de Cabêdo Garcia de Falcão Machado, espôsa do sr. Fernando Falcão Machado. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

— A sr.ª Dr. D. Custódia do Vale, esposa do sr. Alberto Xisto do Vale, teve o seu bom sucesso, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Pedro Cunha (Olhão). Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

Baptisados

— No Porto, na paroquial de Santo Ildefonso, celebrou-se o baptisado da menina Maria Antónia, gentil filha da sr.ª D. Maria Luísa Mendes Correia de Magalhães Basto e do sr. Dr. Artur de Magalhães Basto, servindo de madrinha a sr.ª D. Carmen Loureiro Mendes de Magalhães Basto e de padrinho o prsfessor sr. Dr. António Augusto Esteves Mendes Correia.

D. Nuno.

Casamento da sr.ª D. Maria de Lourdes Pinto Lopes, com o sr. dr. Horácio Castro Guimarães, celebrado na paroquial de S. Jorge em Arroios. Os noivos e padrinhos

PIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — 3, 2
Copas — V. 2
Ouros — — —
Paus — A. 2

Espadas — — —	N	Espadas — — —
Copas — D. 10	O E	Copas — 9, 7, 6
Ouros — D. 10		Ouros — R. V.
Paus — D. 10	S	Paus — R.

Espadas — — —
Copas — A. R. 8
Ouros — 3, 2
Paus — 3

Trunfo espadas. *S.* joga e faz todas as vazas.

Solução

S joga 7 de espadas que *N* corta com 3 de paus.

N joga o Rei de copas, baldando-se *S* a 2 de ouros, *O* entra de Az de copas e joga o 3 de copas que *S* corta com 2 de paus.

S joga 4 de paus e obriga *O* e *E* a baldarem-se por forma a não fazerem mais nenhuma vasa.

Se *O* joga ouros em lugar de copas *N* entra da Dama de ouros e joga 7 de copas que *S* corta com 2 de paus, jogando em seguida o 4 de paus.

Xadrez

(Solução)

Lance inicial: D — 8 B D

Se 1. P:

R × C	Mate por	D — 8 C R +
D × T (3 C D)	—	B × D +
D — 5 C D	—	T × D + (desc.)
D noutra parte	—	T — 3 R + +
B — 4 B D	—	C — 7 B D +
B — 5 D	—	C — 4 B R +
C — 5 D	—	C — 4 B R +
Qualquer outro	—	D × D +

Numa descrição duma viagem feita em 1912 entre a Madeira e o Pará, conta Duchemin que o seu navio se encontrou de repente, uma noite, numa enorme mancha fosforescente do mar, que tinha mais de mil quilómetros de comprimento. Como a noite era sem lua, o fenómeno pôde observar-se em condições muito favoraveis, dando os animais que produzem êste fenómeno, uma fosforescência prateada que iluminava tôda a superfície da água.

Na noite seguinte, e repentinamente, a fosforescência desapareceu. Porquê? Teriam mergulhado as baterias fosforescêntes, ou estará o fenómeno ligado a acções ainda desconhecidas.

Tesouro artístico

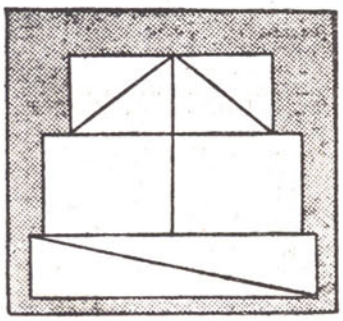
Entre os desenhos de mestres antigos que, em julho de 1936 se venderam em Londres, em leilão, e que compreendiam obras de Alberto Durer e outros artistas alemães, bem como pintores italianos, os amadores tiveram dificuldade em estabelecer as suas preferências.

Foi um desenho de Leonardo de Vinci que obteve o preço mais assombroso; um esboço traçado com a mão esquerda pelo mestre, num pedaço tôsco de papel ligeiramente rosado.

Êsse esboço mede cêrca de 12 por 13 centímetros, contando 155 centímetros quadrados. Como foi vendido por 4100 guinéos, ou seja aproximadamente 465.000$00, o seu valor é pois de 3.000$00 cada centímetro.

Êsse mesmo desenho tinha sido cedido, antes da guerra, por menos de 15.000$00.

Paciência geométrica



Decalcar êste desenho, colá-lo sôbre cartão fino, recortar as diversas figuras de que êle se compõe e formar, com elas, um heptágono.

O cão e os carneiros pintados

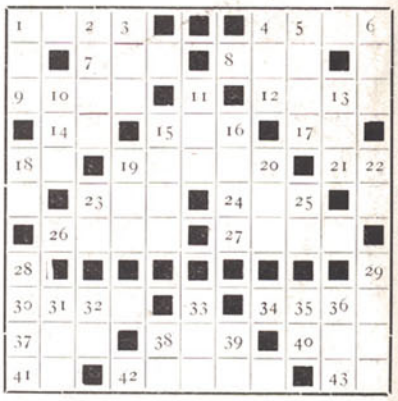
Se um cão é capaz de reconhecer um retrato! Tal foi a questão levantada por um jornal inglês e que deu lugar à seguinte experiência: Um podengo muito inteligente, pertencente a um pintor tinha o mau costume de perseguir os carneiros, mas tinham conseguido fazer-lhe passar êsse gôsto desastroso. Um dia, o dono pintou um rebanho de carneiros guardado por dois cães.

Tendo o pintor sido chamado por alguém, saiu um momento do quarto. Encostou a tela à parede e, quando voltou, ficou muito lisongeado por encontrar o seu podengo parado diante do quadro, com as orelhas espetadas, o olhar acêso e numa grande agitação. O pintor ficou tanto mais admirado dêste incidente quanto os carneiros não tinham mais de 20 a 30 centímetros de comprimento. O cão deve ter julgado que os estava vendo de longe.

Enquanto aos seus congéneres que se encontravam no quadro, nem sequer olhou para êles, mas de cada vez que lhe mostraram a tela, deu sinais duma viva agitação e chegou mesmo a saltar para cima da mesa, para examinar a pintura de mais perto.

Palavras cruzadas

(Passatempo)



Horizontais:

1 — Vento brando. 4 — Que perdeu o gume e não pode cortar. 7 — Íntimo. 8 — Lista. 9 — Elevado. 12 — Líquido transparente. 14 — Contracção de preposição e artigo. 15 — Personagem da Bíblia. 17 — Atmosfera. 18 — Aspecto. 19 — Castas. 21 — Bôca em latim. 23 — Imperativo do verbo dizer em latim. 24 — O mesmo que n.º 8. 26 — Ofendido. 27 — Levantar. 30 — Ministro maometano. 34 — Espécie de fruta. 37 — Pai em inglês (familiarmente) 38 — Divide ao meio. 40. — O mesmo que n.º 15. 41 — Artigo definido. 42 — Ágil nos movimentos. 43 — Metade de «baba».

Verticais:

1 — Espécie de fruta. 2 — Cerimónia religiosa. 3 — Patrão. 4 — Sàdia. 5 — Nome de mulher. 6 — Interjeição. 10 — Família. 11 — Animal doméstico. 13 — Espécie de boi selvagem. 15 — Feito de fita. 16 — Falha. 18 — Interjeição. 19 — Espécie de flôr. 20 — Astro central. 22 — Sem companhia, 23 — Preposição. 25 — Nota mnsical. 28 — Nome feminino. 29 — Conjunção. 32 — Preposição em latim. 33 — Espaço de tempo. 35 — Artigo arábico. 36 — «Emprêgo» em inglês. 38 — Pronome pessoal. 39 — Conjunção em latim.

Numas excavações na Sicília encontrou-se uma pedra gravada reproduzindo um arado primitivo puxado por abelhas, representando o trabalho: duas abelhas estão atreladas ao timão e uma poisa na rabiça, como que a conduzir o rêgo.

—Então, Erico, foste bom rapazinho a tomar banho com o pai?
— Fui sim, mãezinha. Cada vez que o pai falava com uma senhora bonita, eu afastava-me e nadava sozinho.

(De *London Opinion*).

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

À venda a 3.ª edição de

NEVES DE ANTANHO

do CONDE DE SABUGOSA

Ignez Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites de Lára. — Um romance na Côrte de D. João III. — Desculpa de uns amores. — A filha de D. Pedro Nunes. — Sóror Violante do Céo. — D. Francisco Manoel de Melo. — Antónia Rodrigues. — Amor aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

1 volume de 318 págs., brochado . . . . . 12$50
Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

Á VENDA O 3.º MILHAR

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A lingua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o "Greco" — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata..... 12$00
Pelo correio à cobrança... 14$00

Pedidos aos editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

: : ENCADERNADOR-DOURADOR : :

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

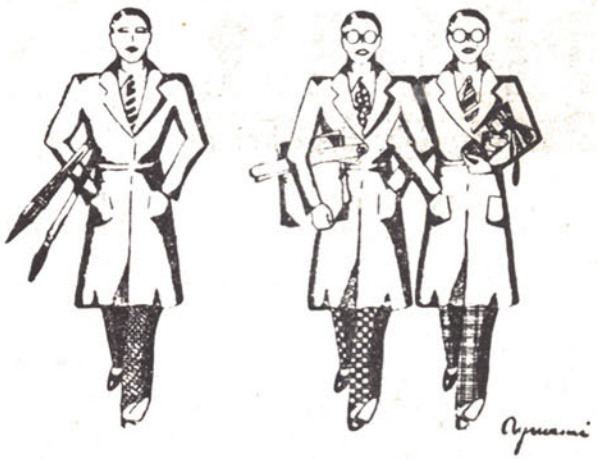
Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE 2 1308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc.

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultravioletas, DIATERMIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 12

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À venda a 3.ª edição

AVENTURA MARAVILHOSA
de D. Sebastião, Rei de Portugal,
depois da batalha com o Miramolim

ROMANCE
por **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 318 págs , com uma artística
capa de Alberto de Sousa, brochado **12$00**
Pelo correio, à cobrança **14$00**

Edição da LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

**Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer**

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, *73, R. Garrett, 75* — LISBOA

À venda a 9.ª edição

D. Pedro e D. Inês

"O GRANDE DESVAYRO!„

Romance por ANTERO DE FIQUEIREDO

1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a côres e ouro,
Esc. 12$00
Pelo correio à cobrança, **Esc. 14$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

Orações e Conferências

de CARLOS MALHEIRO DIAS

1 vol. de 176 págs., broch. . . . . **8$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **9$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.ª edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA
Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24$00
Pelo correio à cobrança Esc. 27$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Á VENDA

a 3.ª edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituido por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... **15$00**
Pelo correio, à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E
COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

**A arte de cuidar
do lactante**

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado
6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por uma deminuta importância

HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17 cm. × 26 cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e mais de 50 hors-textes

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

OBRAS
DE
JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA
ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são **um álbum e guia da literatura portuguesa** contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, **gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc.** O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge,** etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

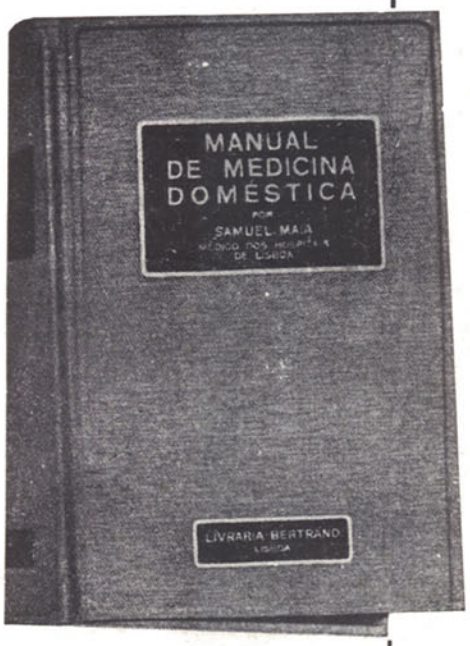
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

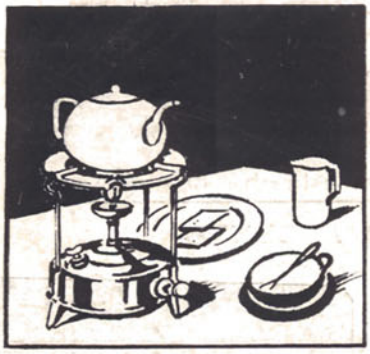
Regra de bem viver para conseguir a longa vida

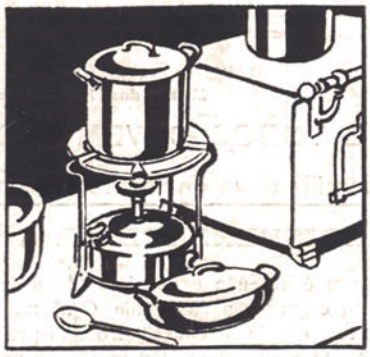
1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

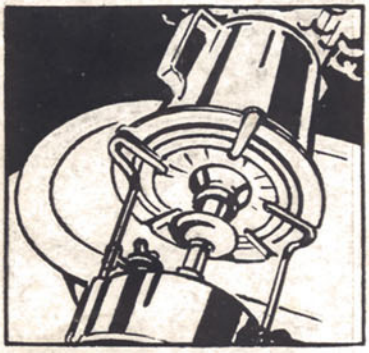
Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

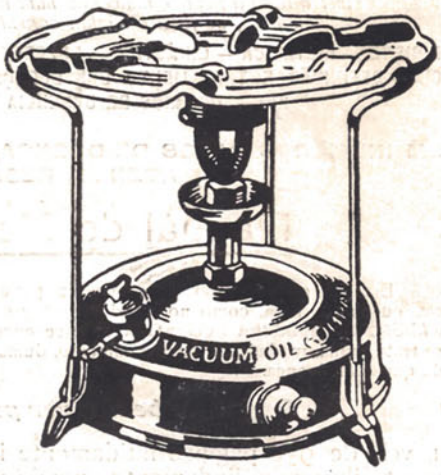
No lar...







Na casa de V. Ex.ª o Fogareiro Vacuum presta inúmeros serviços: águas quentes para todos os usos, as refeições sempre a horas, um chá para a visita que chega, um tratamento urgente . . .
Utensílio asseado, prático e económico.
Ferve um litro de água em 2 minutos.
Consome $1^1/_2$ decilitro de petróleo por hora.



FOGAREIROS VACUUM

USAR SEMPRE PETROLEO VACUUM SUNFLOWER

1593